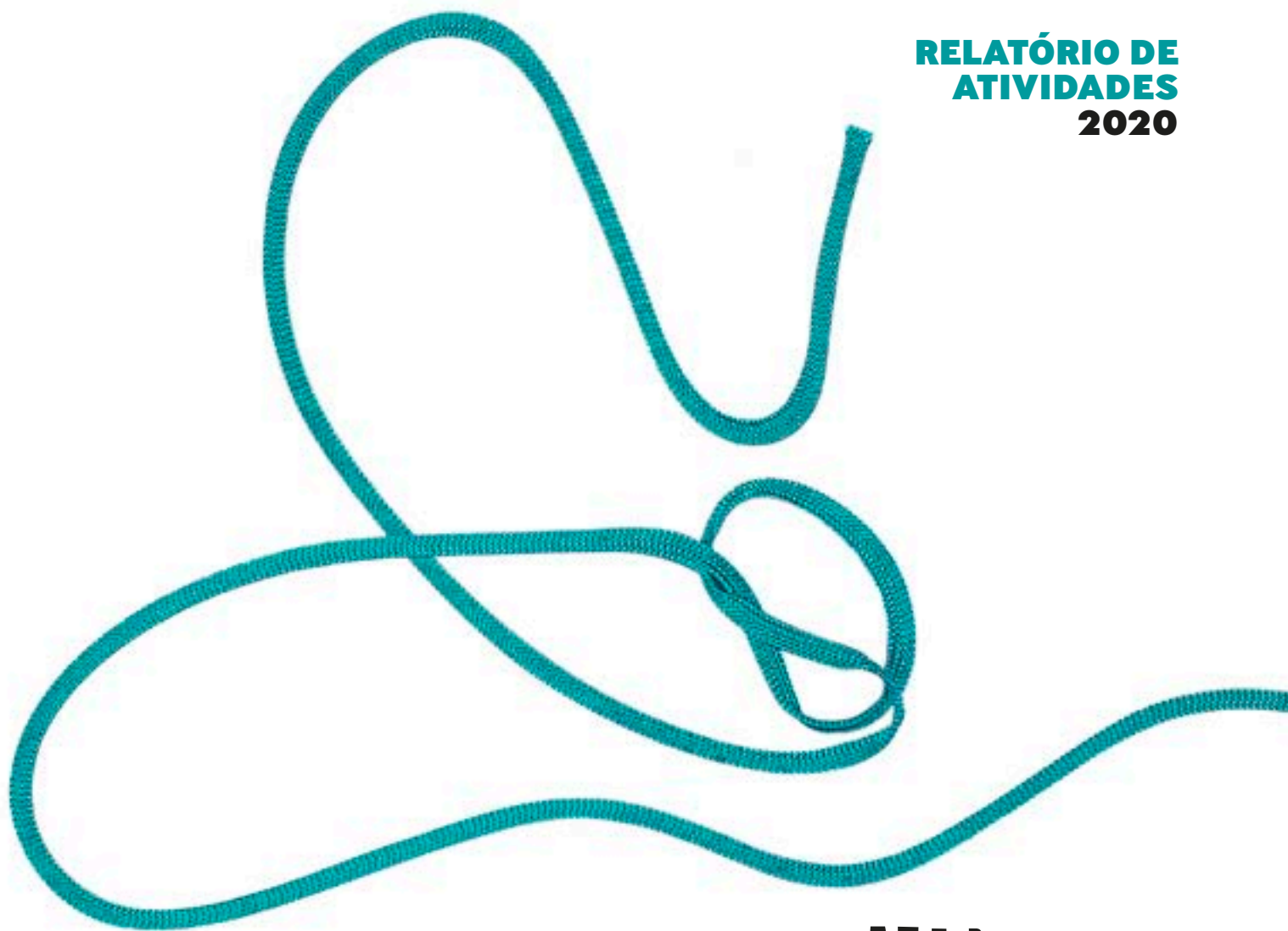


# SOLUÇÕES PARA A CRISE

RELATÓRIO DE  
ATIVIDADES  
2020



Banco  
Europeu de  
Investimento

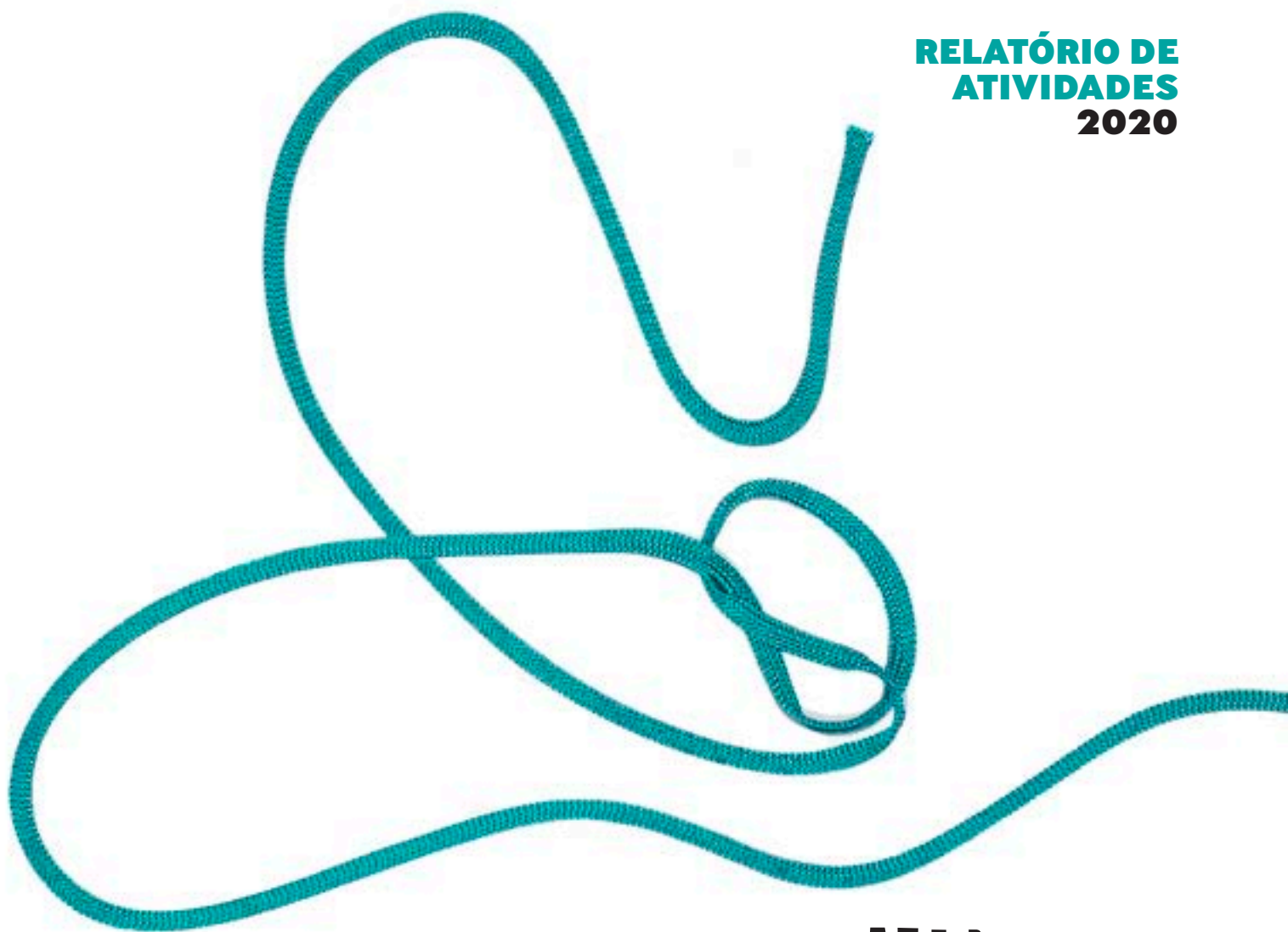
*o banco da UE*



**BANCO EUROPEU DE INVESTIMENTO**

# SOLUÇÕES PARA A CRISE

**RELATÓRIO DE  
ATIVIDADES  
2020**



**Banco  
Europeu de  
Investimento**

*o banco da UE*

## Relatório de Atividades 2020 do Banco Europeu de Investimento

© Banco Europeu de Investimento, 2021.

98-100, boulevard Konrad Adenauer

L-2950 Luxembourg

☎ +352 4379-1

✉ [info@eib.org](mailto:info@eib.org)

[www.eib.org](http://www.eib.org)

[twitter.com/eib](https://twitter.com/eib)

[facebook.com/europeaninvestmentbank](https://facebook.com/europeaninvestmentbank)

[youtube.com/eibtheeubank](https://youtube.com/eibtheeubank)

Reservados todos os direitos.

Todas as questões relacionadas com direitos e licenças devem ser dirigidas a [publications@eib.org](mailto:publications@eib.org).

Para mais informações sobre as atividades do BEI, consulte o sítio Web em: [www.eib.org](http://www.eib.org).

Pode também contactar [info@eib.org](mailto:info@eib.org). Subscriba o nosso boletim de informação eletrónico em [www.eib.org/sign-up](http://www.eib.org/sign-up).

Publicado pelo Banco Europeu de Investimento.

Impresso em Munken Polar, bouffant 1.13, FSC® Mix blanc.

O BEI usa papel certificado pelo Forest Stewardship Council (FSC). Porque é produzido por pessoas que gostam de árvores. O FSC promove uma gestão ambientalmente correta, socialmente benéfica e economicamente viável das florestas a nível mundial.

Todos sabemos que ler faz bem. E também faz bem ao planeta – desde que se leia no papel certo.

print: QH-BF-21-001-PT-C ISBN 978-92-861-4894-1 ISSN 2599-6673 doi:10.2867/850737  
pdf: QH-BF-21-001-PT-N ISBN 978-92-861-4859-0 ISSN 2599-6908 doi:10.2867/252746

Impresso por Imprimerie Centrale



## **COMO LER ESTE RELATÓRIO**

A recuperação do impacto económico causado pela COVID-19 é urgente, mas terá de ser uma recuperação ecológica e justa para as populações dos países em desenvolvimento. **ESTE RELATÓRIO COLOCA EM DESTAQUE A RESPOSTA DE EMERGÊNCIA À COVID-19 DADA PELO BANCO EUROPEU DE INVESTIMENTO EM 2020, A PAR DOS INVESTIMENTOS NA ÁREA DO CLIMA, DO AMBIENTE E DO DESENVOLVIMENTO ATRAVÉS DOS QUAIS O BANCO IRÁ IMPULSIONAR A RETOMA DO CRESCIMENTO.**

**A PARTE CENTRAL DO RELATÓRIO É COMPOSTA POR TRÊS SECÇÕES**, que focam algumas das soluções do Banco para a crise da COVID-19, para a degradação do clima e do ambiente e para a necessidade de desenvolvimento sustentável. Estas secções intituladas de «Soluções» começam com testemunhos de pessoas ligadas ao Banco, nomeadamente quadros dirigentes, que explicam de que forma o BEI deu resposta a um ano de crises e lançou as bases para um futuro de inovação e crescimento. As histórias que se seguem apresentam ao leitor o trabalho realizado pelo Banco nas áreas da inovação, das infraestruturas, das PME e do clima e ambiente nos países da União Europeia e para além das suas fronteiras.

**AS PARTES RESTANTES DO RELATÓRIO PROPORCIONAM O CONTEXTO PARA ESTAS SOLUÇÕES:** desde as linhas estratégicas expostas no Prefácio do Presidente aos dados sobre as atividades de financiamento e captação de recursos do Banco, passando pelas perspetivas para os próximos anos e pelos destaques do Plano de Atividades do Grupo.

**O RELATÓRIO REVELA A HISTÓRIA DE UMA INSTITUIÇÃO FINANCEIRA QUE ESTÁ EMPENHADA A TODOS OS NÍVEIS – DESDE O APOIO A MICROCRÉDITOS AOS PROGRAMAS MULTILATERAIS DE DESENVOLVIMENTO – EM ENCONTRAR SOLUÇÕES PARA AS CRISES QUE NOS RODEIAM.**



# ÍNDICE

- 3** **COMO LER ESTE RELATÓRIO**
- 6** **PREFÁCIO** A PROVA DE QUE A EUROPA CUMPRE A SUA PROMESSA
- 8** **FACTOS MARCANTES DE 2020** DADOS RELATIVOS AOS FINANCIAMENTOS E AO SEU IMPACTO
- 10** **O BEI NO SEU PAÍS** FINANCIAMENTOS POR PAÍS
- 12** **O FEIE NO SEU PAÍS** O FUNDO EUROPEU PARA INVESTIMENTOS ESTRATÉGICOS POR PAÍS
- 14** **O BEI NO RESTO DO MUNDO** FINANCIAMENTOS NO EXTERIOR DA UNIÃO EUROPEIA
- 16** **SOLUÇÕES PARA A COVID: O BEI MOBILIZA-SE PARA DAR RESPOSTA À PANDEMIA**
  - 18 UMA RESPOSTA RÁPIDA: O FUNDO DE GARANTIA PAN-EUROPEU
  - 20 TESTAR, TRATAR, VACINAR: INVESTIMENTOS CRUCIAIS EM VACINAS, TERAPIAS E TESTES PARA A COVID-19
  - 24 «UMA BÊNÇÃO MARAVILHOSA»: APOIO ÀS PEQUENAS EMPRESAS ITALIANAS PARA SUPERAR A CRISE DA COVID-19
  - 26 UM BALÃO DE OXIGÉNIO PARA O NORTE DE ESPANHA: APOIO ÀS PEQUENAS EMPRESAS ESPANHOLAS PARA SUPERAR A CRISE DA COVID-19
  - 28 REGRESSO AO ESSENCIAL: INVESTIMENTOS EM CUIDADOS DE SAÚDE NA HUNGRIA E NA REPÚBLICA CHECA
- 30** **SOLUÇÕES PARA O CLIMA: ESPECIALISTAS DO BANCO AVALIAM OS DESAFIOS CLIMÁTICOS**
  - 32 UM PLANO PARA O PLANETA: O ROTEIRO DO BANCO DO CLIMA
  - 34 QUANDO O VENTO NÃO SOPRA: BATERIAS INOVADORAS DA SUÉCIA PARA HABITAÇÕES E AUTOMÓVEIS
  - 36 O QUE OS MONTY PYTHON IGNORAVAM A RESPEITO DOS TREMOÇOS: UM FUNDO PARA A BIOECONOMIA CIRCULAR
  - 37 SUSTENTABILIDADE NO ESPAÇO: DADOS RELATIVOS ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E TECNOLOGIA *NEW SPACE* EM ITÁLIA
  - 38 AÇO ECOLÓGICO, AÇO CIRCULAR: DESCARBONIZAÇÃO DO AÇO E BIOCOMBUSTÍVEIS NA BÉLGICA
  - 40 SEGREDOS POR REVELAR: ESTUDO DAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E CATÁSTROFES NATURAIS NA GRÉCIA
  - 42 UM PLANO PARA A VIDA: REPENSAR O DESENVOLVIMENTO URBANO EM BARCELONA
  - 43 PACTO ECOLÓGICO EM MOVIMENTO: POLÓNIA RECEBE IMPULSO PARA AS ENERGIAS RENOVÁVEIS
- 44** **SOLUÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO: A VISÃO GLOBAL**
  - 46 ALÍVIO RÁPIDO: MEDIDAS DE COMBATE À COVID-19 NO SISTEMA DE SAÚDE DE MARROCOS
  - 49 SALVAR OS SONHOS DOS JOVENS: NAS SALAS DE AULA EM MARROCOS E NA TUNÍSIA
  - 50 SOLIDARIEDADE NA DISTRIBUIÇÃO DE VACINAS: UMA QUOTA DE VACINAS CONTRA A COVID-19 JUSTA PARA A ÁFRICA
  - 53 A OUTRA AMEAÇA INFECCIOSA: UMA VACINA CONTRA A TUBERCULOSE PARA O MUNDO EM DESENVOLVIMENTO
  - 55 UM QUEIJO DA GEÓRGIA COM SABOR SUÍÇO: FINANCIAMENTO DA UE PARA UM VIZINHO DE LESTE
  - 56 MIÚDOS DIGITAIS: COMO A TECNOLOGIA TRANSFORMA AS ESCOLAS SÉRVIAS
- 58** **ORIGEM DOS RECURSOS DO BEI**
- 60** **DESTAQUES DO PLANO DE ATIVIDADES DO GRUPO**
- 62** **E AGORA? AS EXPECTATIVAS DOS ESPECIALISTAS DO BEI PARA OS SEUS SETORES OU MERCADOS EM 2021**

# PREFÁCIO

## A PROVA DE QUE A EUROPA CUMPRE A SUA PROMESSA

**C**onfrontado com o desafio imediato da pandemia de COVID-19, o Banco Europeu de Investimento agiu com determinação para preservar postos de trabalho, apoiar as indústrias afetadas pela crise e ajudar a absorver o mais violento de todos os choques económicos. Simultaneamente, não descurou o seu compromisso com a batalha a longo prazo contra a ameaça das alterações climáticas. Usando a sua experiência e perícia, integrou as suas metas climáticas na rede de segurança para a pandemia. Uma mera reconstrução não serve os interesses de ninguém. Com o BEI, a Europa e o mundo podem levar a cabo uma reconstrução melhor.

Em 2020, combatemos a COVID-19 em si, investindo nas empresas que se dedicam à investigação de testes, terapias e vacinas, incluindo a empresa alemã BioNTech, que produziu a primeira vacina aprovada. O financiamento do Banco apoiou os sistemas de saúde nos países de toda a União Europeia e respaldou o desenvolvimento de tecnologias-chave para abreviar a pandemia. Fizemos face ao impacto económico da doença com um conjunto de medidas imediatas para injetar liquidez na economia, em especial para as pequenas empresas, ainda na fase de preparação do mais abrangente Fundo de Garantia Pan-Europeu.

Contrariamente aos choques anteriores, esta crise teve a sua origem na economia real, não nos setores financeiro ou soberano. Milhões de empresas perfeitamente saudáveis enfrentaram subitamente problemas de liquidez devido aos confinamentos. Ao apoiar o investimento na economia real, o Fundo de Garantia Pan-Europeu está, neste momento, a ajudar a preservar empresas saudáveis (e os postos de trabalho que garantem), evitando que as suas dificuldades sejam transferidas para o setor bancário e, em última análise, para as contas públicas.

Enquanto maior mutuário e mutuante multilateral do mundo, o BEI envidou todos estes esforços sem deixar de estar atento às implicações do seu investimento para os desafios que subsistirão após a COVID-19. E fê-lo numa perspetiva global. O investimento do Banco é sustentável e ecológico, combatendo a pandemia no momento em que lança as bases para uma década crucial de luta contra as alterações climáticas. O Banco associou-se a outras instituições multilaterais e investidores para garantir que a solução para a COVID-19 fosse partilhada com os países em desenvolvimento, aprovando uma operação de 400 milhões de EUR com a COVAX, uma iniciativa global para promover a igualdade de acesso às vacinas nos países em desenvolvimento. Para além de uma responsabilidade moral, trata-se de um contributo fundamental para a concretização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Também na área do desenvolvimento, impõe-se conciliar a vontade de criar emprego e crescimento com uma abordagem séria ao investimento climático. Afinal de contas, a ação climática da União Europeia será, por si só, incapaz de travar o aquecimento global, uma vez que 90 % das emissões são geradas fora da União Europeia. Se a procura crescente de energia em África, por exemplo, for satisfeita com centrais elétricas alimentadas a carvão ou a gás, as nossas ambições na área do clima irão literalmente esfumar-se.

A questão da distribuição equitativa do investimento não se coloca apenas numa perspetiva Norte-Sul do planeta. A convergência regional no território da União Europeia tem vindo a desacelerar nos últimos anos, sobretudo entre zonas urbanas e rurais. Importa garantir que a COVID-19 não acentue ainda mais este fosso. Os investimentos do Banco na área da coesão, à semelhança do que acontece com a COVID-19 e as alterações climáticas, visam obter um retorno económico imediato e a sustentabilidade a longo prazo. A «transição justa», que incentiva as regiões a abandonarem as indústrias poluentes, também faz todo o sentido do ponto de vista do mercado. Basta olhar para os resultados do Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos (FEIE), o pilar financeiro do Plano de Investimento para a Europa, que atingiu em 2020, com sucesso, a meta de uma longa marcha de cinco anos em que mobilizou mais de 500 000 milhões de EUR em investimento. O FEIE tem uma abordagem inteiramente orientada para o mercado, embora os cinco principais beneficiários dos empréstimos do BEI apoiados pela garantia do FEIE, em termos de PIB, sejam a Estónia, a Grécia, a Bulgária, Portugal e a Letónia. Quatro em cada dez operações do FEIE

## PREFÁCIO DO PRESIDENTE



**“ O BEI passa a ser o primeiro banco multilateral de desenvolvimento a não despende um cêntimo que seja em qualquer projeto com impacto negativo no clima. ”**

apoiadas pelo BEI situam-se em regiões de coesão. Quando surgiu a oportunidade de beneficiarem de apoio do Banco, as regiões de coesão responderam com projetos elegíveis para financiamento bancário. O FEIE mobilizou investimentos em toda a Europa que, de outro modo, teriam implicado um risco demasiado elevado, mostrando como é possível apoiar o investimento do setor privado com uma despesa pública relativamente reduzida. Trata-se de um dado importante para a transição justa e uma experiência que vale a pena realizar com o Mecanismo de Recuperação e Resiliência, o programa de apoios financeiros da União Europeia para fazer face à crise da COVID-19.

Em 2020, o Banco não desviou a sua atenção da década crucial para o clima que temos pela frente. O Roteiro do Banco do Clima, aprovado em novembro pelo Conselho de Administração do BEI, expõe todos os parâmetros complexos do trabalho a realizar na área do clima entre 2021 e 2025. Este documento inédito realça o compromisso do Banco de harmonizar todo o seu trabalho com o Acordo de Paris. O BEI passa a ser o primeiro banco multilateral de desenvolvimento a não despende um cêntimo que seja em qualquer projeto com impacto negativo no clima. O BEI é o Banco do Clima da UE. Por isso, a secção maior deste Relatório de Atividades ilustra o trabalho que tem desenvolvido para fazer face ao aquecimento global.

A inovação é fundamental para as nossas ambições em matéria de ação climática. Os modelos de negócio atuais não são os adequados para alcançar as reduções drásticas de emissões necessárias ao cumprimento das metas do Acordo de Paris. Impõe-se reforçar significativamente a utilização das tecnologias existentes nas áreas das energias renováveis e da eficiência energética, a par do desenvolvimento de novas tecnologias na área do clima. Porém, a recessão económica prejudica o investimento em novas tecnologias, que é considerado arriscado e não essencial. Seria, no entanto, a pior altura para descurarmos a inovação. A Europa e o mundo carecem, mais do que nunca, daquilo que a tecnologia tem para lhes oferecer: uma rutura com o *status quo* e um crescimento acelerado e exponencial.

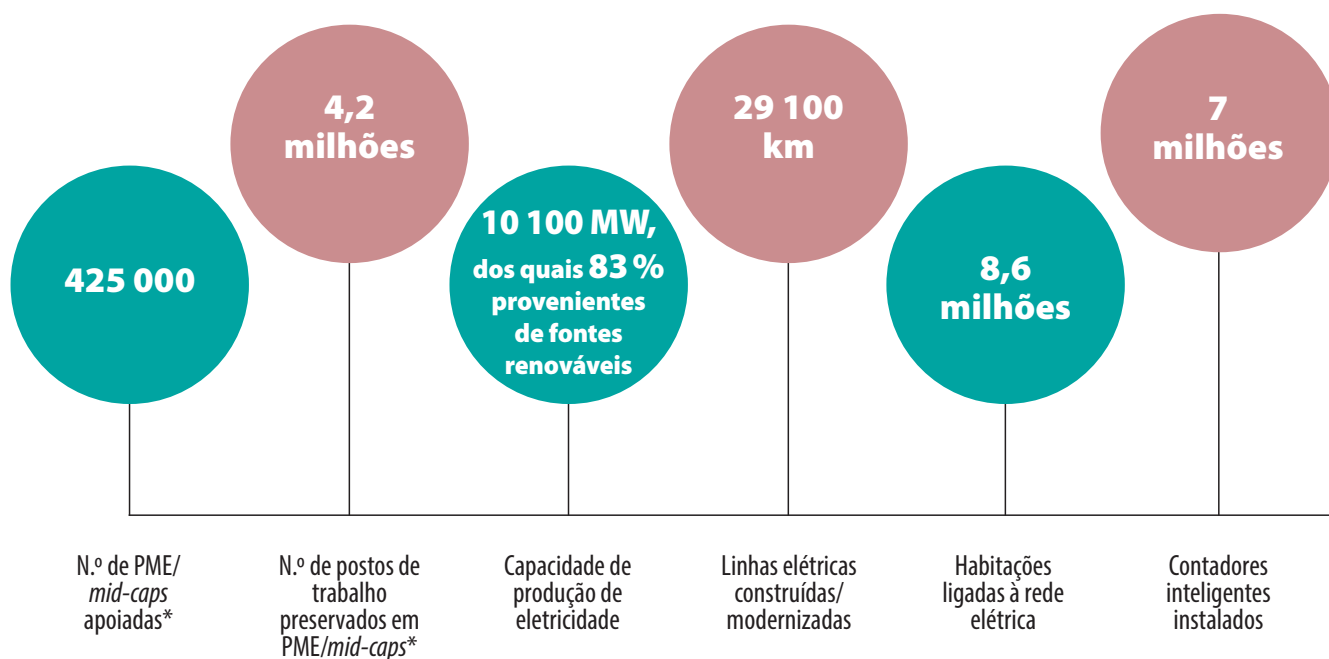
O BEI está a fazer a sua parte para manter o investimento na inovação. Ao conceder financiamento a longo prazo e reduzir o risco de investimento, promove uma conjuntura de mercado mais previsível para tecnologias novas e sustentáveis. O sucesso do Banco não se mede pelo montante dos financiamentos que concede. O que nos interessa é o impacto, o contributo para as mudanças estruturais de que a economia europeia necessita e o progresso no sentido de assegurar prosperidade e segurança aos cidadãos comuns em todo o mundo. O Banco Europeu de Investimento é a prova de que a Europa cumpre o que promete.

**Werner Hoyer**

# FACTOS MARCANTES DE 2020

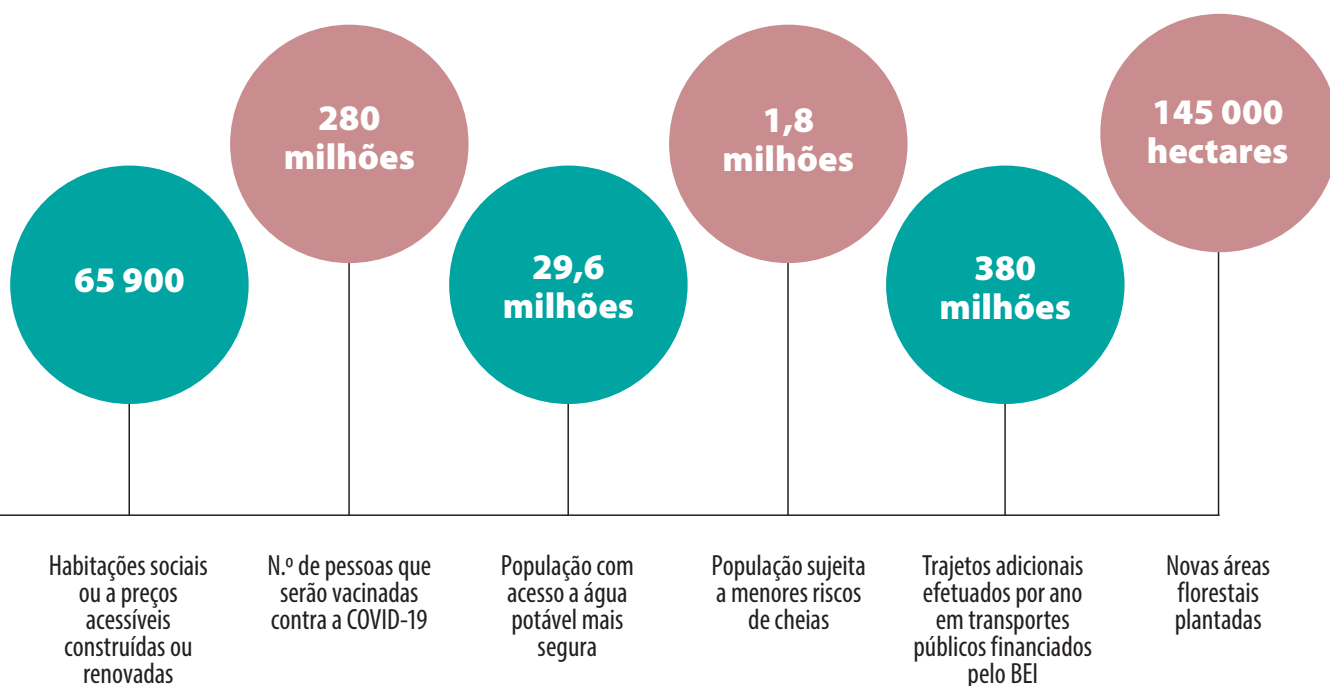


## O impacto do BEI



\*O número de postos de trabalho preservados em PME refere-se ao número de trabalhadores nas PME/*mid-caps* que beneficiaram de financiamento do BEI em 2020 e ao número de trabalhadores em PME que beneficiaram de financiamento do FEI entre outubro de 2019 e setembro de 2020.

O Fundo Europeu de Investimento (FEI), que faz parte do Grupo BEI, é uma instituição especializada no financiamento de risco para apoiar as micro, pequenas e médias empresas e estimular o crescimento e a inovação em toda a Europa. Disponibiliza financiamento e conhecimentos técnicos para a realização de investimentos sólidos e sustentáveis e operações de garantia. Entre os acionistas do FEI contam-se o BEI, a Comissão Europeia, bancos públicos e privados e instituições financeiras.



Os dados referem-se aos resultados esperados das novas operações de financiamento assinadas em 2020 pela primeira vez, com base nos dados disponíveis nesta fase. Os dados financeiros não foram auditados, sendo, por conseguinte, provisórios.

# O GRUPO BEI NO SEU PAÍS

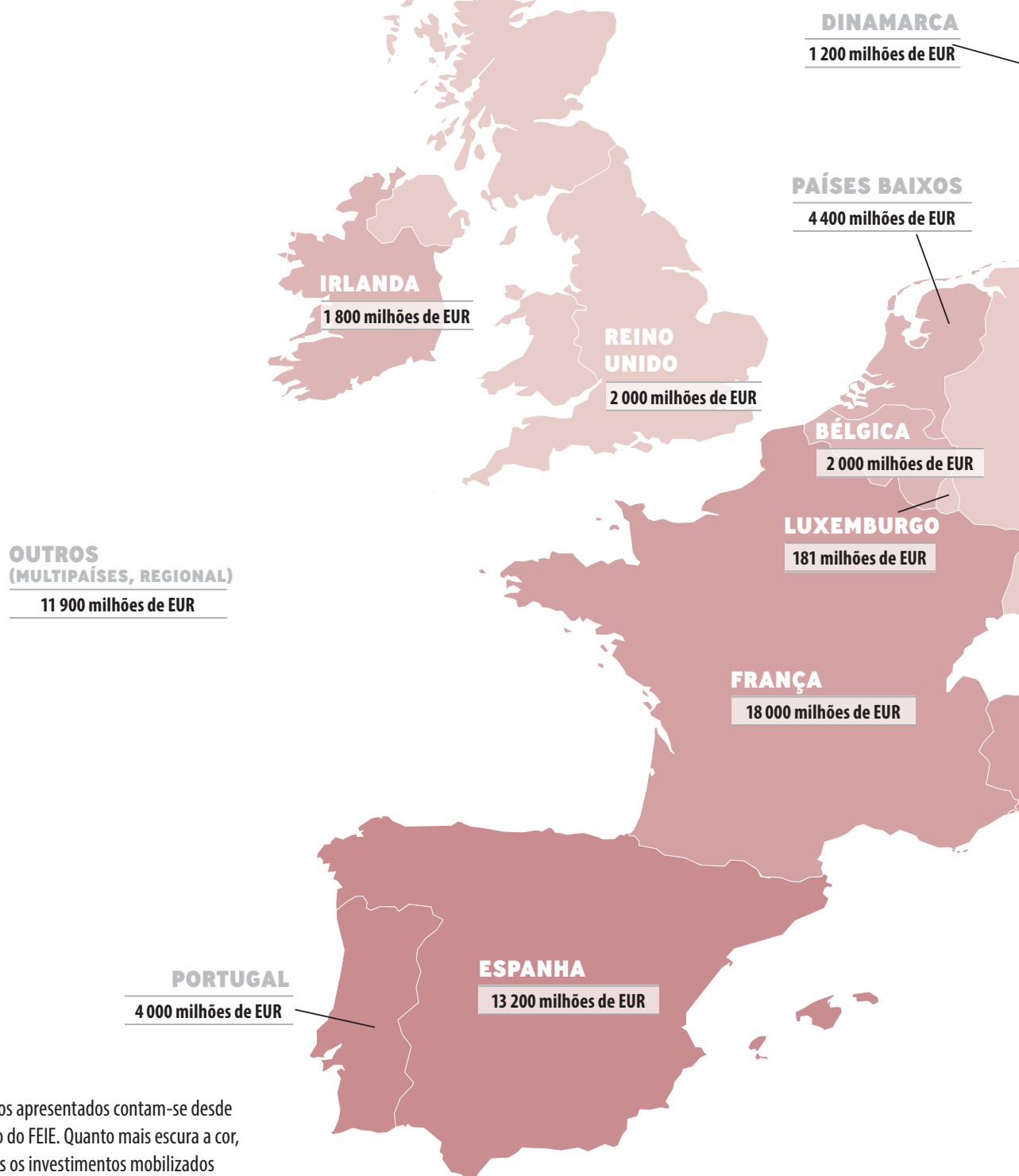


As cores mais escuras significam um investimento mais elevado em percentagem do PIB.

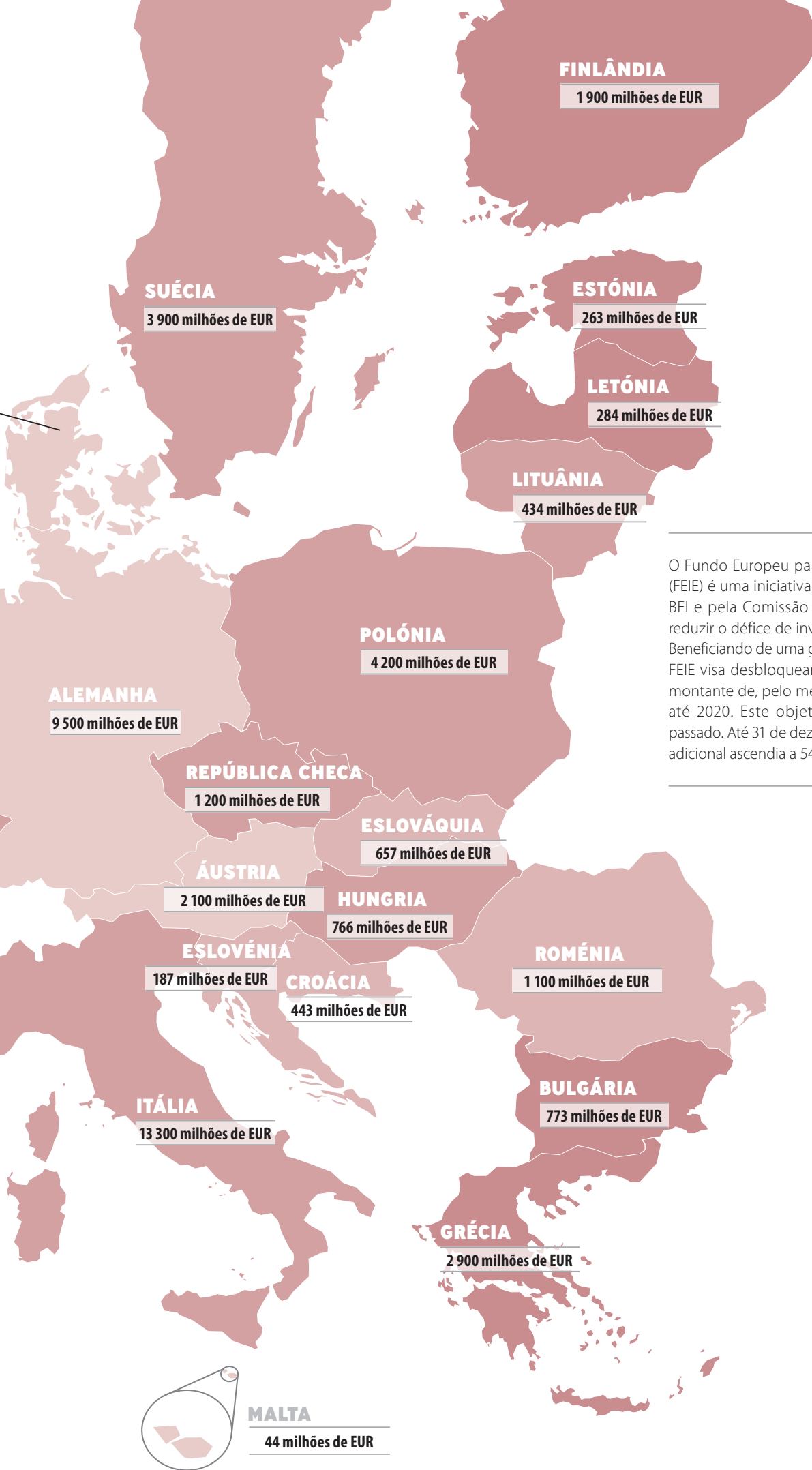


# O FEIE NO SEU PAÍS

ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 2020



Todos os dados apresentados contam-se desde o lançamento do FEIE. Quanto mais escura a cor, mais elevados os investimentos mobilizados pelo FEIE relativamente ao PIB (com base nas operações aprovadas).



O Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos (FEIE) é uma iniciativa conjunta lançada pelo Grupo BEI e pela Comissão Europeia com o objetivo de reduzir o défice de investimento na União Europeia. Beneficiando de uma garantia do orçamento da UE, o FEIE visa desbloquear investimentos adicionais no montante de, pelo menos, 500 000 milhões de EUR até 2020. Este objetivo foi alcançado no verão passado. Até 31 de dezembro de 2020, o investimento adicional ascendia a 547 000 milhões de EUR.

# O BEI NO RESTO DO MUNDO

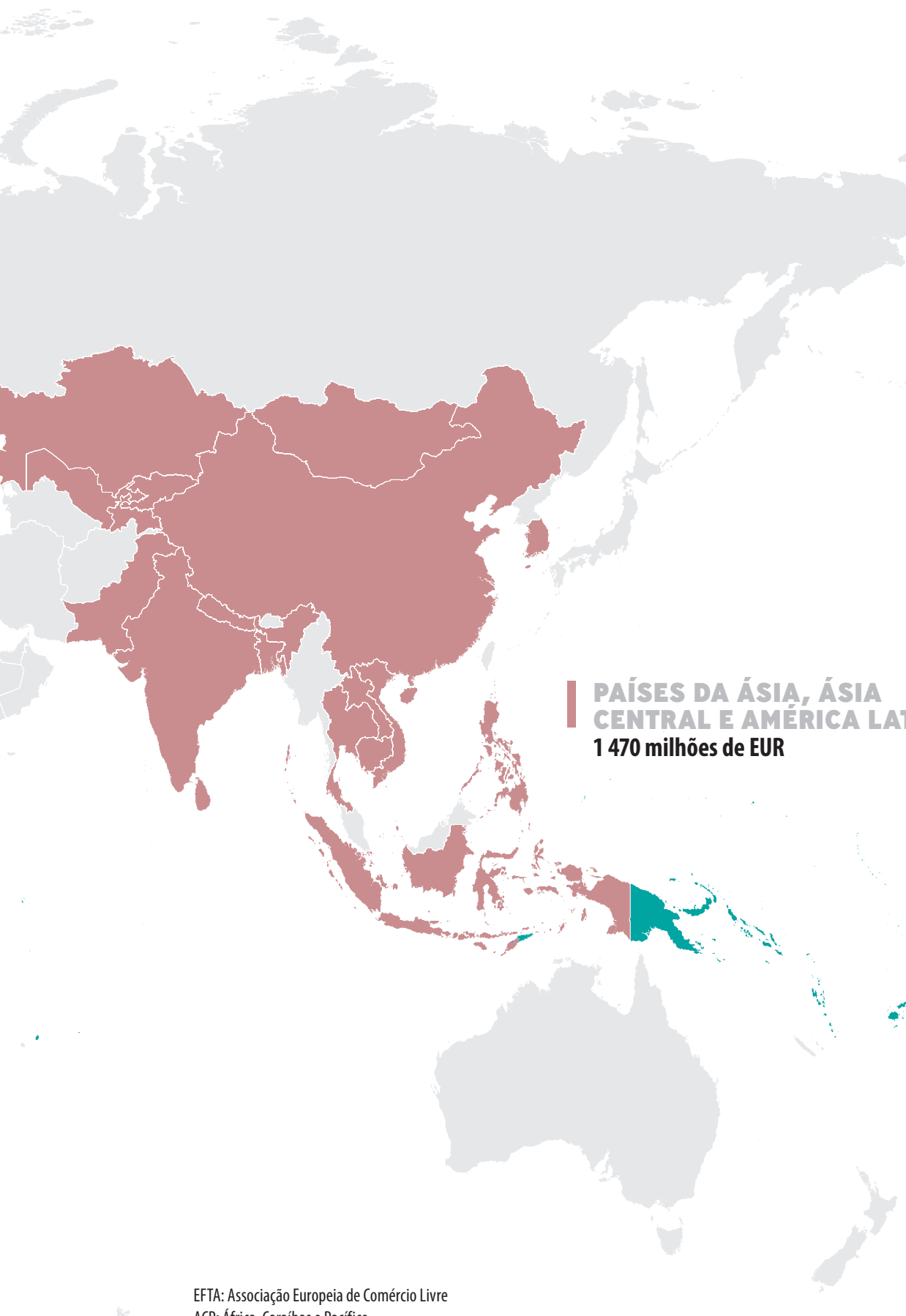
**PAÍSES DO ALARGAMENTO  
E DA EFTA**  
1 260 milhões de EUR

**REINO UNIDO**  
387 milhões de EUR

**PAÍSES VIZINHOS  
DE LESTE**  
1 340 milhões de EUR

**PAÍSES VIZINHOS  
DO SUL**  
3 510 milhões de EUR

**PAÍSES ACP, PTU  
E ÁFRICA DO SUL**  
2 260 milhões de EUR



**PAÍSES DA ÁSIA, ÁSIA CENTRAL E AMÉRICA LATINA**  
**1 470 milhões de EUR**

EFTA: Associação Europeia de Comércio Livre  
ACP: África, Caraíbas e Pacífico  
PTU: Países e Territórios Ultramarinos

O Banco Europeu de Investimento não defende, aceita ou emite qualquer juízo sobre o estatuto jurídico de quaisquer territórios, fronteiras, cores, designações ou informações que se apresentam neste mapa.

Na sequência das sanções que a UE impôs à Síria em novembro de 2011, o BEI suspendeu toda a atividade de financiamento e consultoria naquele país. Não obstante, o BEI integra o grupo de doadores principais para a Síria que acompanha a situação sob a liderança conjunta da UE e da ONU.

## SOLUÇÕES PARA A COVID

# O BEI MOBILIZA-SE PARA DAR RESPOSTA À PANDEMIA

A presente pandemia tem de ser abordada de todos os ângulos possíveis. É essencial dotar os países não só dos meios e equipamentos necessários para tratar os doentes infetados, como também da capacidade de detetar novos casos de infeção com precisão e rapidez. A vacina garante a melhor proteção a longo prazo, mas é ainda necessário alargar as opções terapêuticas e melhorar as condições nos hospitais da maioria dos países afetados.

**Felicitas Riedl**, chefe da Divisão de Ciências da Vida, Direção de Projetos

Com uma carteira de financiamentos equiparados a participações de capital diretas na área das ciências da vida, no montante de 1 500 milhões de EUR, que apoiam 60 empresas europeias altamente inovadoras no setor das biotecnologias e tecnologias médicas, o BEI é o maior operador no mercado europeu. Quando a pandemia chegou à Europa e o confinamento começou, estabelecemos rapidamente contactos através da nossa rede e, a partir daí, surgiram muitos projetos relacionados com a COVID-19, com instituições líderes como a Organização Mundial de Saúde, a Gates Foundation e a Wellcome Trust, bem como novas iniciativas de desenvolvimento de vacinas, tratamentos ou meios de diagnóstico. Podemos orgulhar-nos de ter apoiado projetos como a BioNTech, empresa pioneira a nível mundial no desenvolvimento da vacina contra a COVID-19, e a CureVac, outra farmacêutica a desenvolver uma vacina promissora, bem como empresas que trabalham na área da COVID-19 em França, na Alemanha e na Polónia.

**Yu Zhang**, chefe da Unidade de Ciências da Vida e Biotecnologia, Direção de Operações

A COVID-19 põe à prova a resiliência dos países, das regiões, das cidades e das comunidades. Temos de continuar atentos aos desafios da coesão e prevenir qualquer agravamento das desigualdades. Operacionalizámos rapidamente um plano de apoio para ajudar a suprir as necessidades de financiamento mais urgentes das regiões e dos municípios. Cientes do papel fundamental que cabe às cidades e às regiões desempenhar na mitigação dos efeitos da pandemia, instituímos medidas excecionais para aprovar e desembolsar os novos empréstimos de forma mais célere e para permitir uma utilização mais flexível ou o reforço dos empréstimos já existentes. As nossas equipas de consultores mobilizaram-se para apoiar os países e as regiões na programação e na otimização das despesas relacionadas com a COVID-19.

**Leonard Reinard**, chefe da Divisão de Desenvolvimento Regional, Direção de Projetos

A COVID-19 foi a derradeira prova de fogo para a sobrevivência de muitas das empresas europeias de crescimento rápido na nossa carteira, tendo causado um impacto direto nos seus modelos de negócio ou afetado o seu acesso a financiamentos de terceiros. Tivemos de reagir rapidamente. A nossa estratégia foi simples e eficaz: antes de mais, prestar apoio imediato e substancial às empresas de biotecnologia e ciências da vida que estão na linha da frente do combate à COVID-19 e, depois, favorecer inovações que aumentem a resiliência das economias dos Estados-Membros. Ainda na primeira metade do ano, conseguimos triplicar o nosso financiamento direto de dívida de risco às empresas de biotecnologia e ciências da vida. Apoiámos empresas que disponibilizam inovações digitais para o rastreio de contactos, pagamentos móveis e digitalização dos seus modelos de negócio. Congratulamo-nos por ter conseguido obter apoio suficiente dos Estados-Membros inclusivamente para aumentar os nossos investimentos em empresas inovadoras nas áreas da inteligência artificial, da indústria 4.0, da biotecnologia, das ciências da vida e da eficiência energética.

**Hristo Stoykov, chefe da Divisão de Financiamento do Crescimento e Empréstimos de Capital de Arranque (Venture Debt), Direção de Operações**

Para nós é um orgulho termos apoiado a BioNTech, a primeira vacina contra a COVID-19 disponível no mercado. Podemos agradecer-lo à dedicação dos nossos especialistas na área da saúde, que trabalharam dia e noite durante esta crise para identificar a melhor investigação possível de entre os múltiplos candidatos ao desenvolvimento de uma vacina. Também estamos a apoiar um conjunto de outras vacinas e tratamentos com resultados muito promissores.

**Christopher Hurst, diretor-geral, Direção de Projetos**

A crise da COVID-19 está a ter um forte impacto na economia da UE e nos países em que o BEI desenvolve as suas atividades no exterior da União Europeia. O BEI tem respondido prontamente às necessidades de liquidez das suas contrapartes. À medida que a crise vai evoluindo, a liquidez começa a não ser o único problema que importa resolver. A crise está a induzir uma mudança estrutural e exigirá um exercício de reflexão profunda em que as palavras «inteligente», «ecológico» e «sustentável» serão essenciais. A adaptação ao «novo normal» requer investimento, pelo que o apoio ao financiamento do investimento, à reestruturação e à transformação superará em importância a resposta aos problemas de liquidez.

**Debora Revoltella, diretora do Departamento de Assuntos Económicos, Secretariado-Geral**

Os especialistas ainda estão a tentar compreender a extensão dos danos causados pela pandemia, mas uma coisa é certa: a recuperação será ecológica. Todos os nossos esforços no sentido de tornar a energia e os transportes mais limpos, de descarbonizar a indústria pesada e de aumentar a eficiência energética contribuem para este objetivo. Procuramos desenvolver soluções de financiamento para promover o investimento na área do clima e vencer os seus principais obstáculos. Graças aos nossos produtos financeiros de impacto temático, estamos a catalisar a mudança ecológica de que a União Europeia necessita, porque os projetos emblemáticos inovadores são capazes de elevar o nível de todo um setor.

**Gilles Badot, chefe da Divisão de Financiamento das Infraestruturas e da Ação Climática, Direção de Operações**

# UMA RESPOSTA RÁPIDA

**O Fundo de Garantia Pan-Europeu apoia as pequenas empresas atingidas pela crise da COVID-19. Precisamente no momento em que outra garantia acaba de mobilizar mais de 500 mil milhões de EUR em investimento.**

**D**epois de superarmos a pandemia de COVID-19, o vírus a que sobrevivemos deixará marcas no nosso organismo. O mesmo se aplica à nossa economia. E da mesma maneira que nos unimos em solidariedade para nos protegermos uns aos outros através do distanciamento social, a melhor via para regressarmos à prosperidade será uma grande campanha coordenada que conte com a participação de um vasto número de países da UE.

O peso-pesado da resposta do Grupo Banco Europeu de Investimento à pandemia é o Fundo de Garantia Pan-Europeu (FGE), que se propõe usar até 25 000 milhões de EUR em garantias prestadas pelos Estados-Membros contribuintes da UE para mobilizar financiamentos nos países participantes até ao final de 2021. A maior fatia deste montante, que será concedido sob a forma de empréstimos, capital de risco e capital de crescimento, servirá para apoiar as pequenas e médias empresas, destinando-se em parte também a empresas de dimensão um pouco maior e a entidades prestadoras de cuidados de saúde.

O Fundo de Garantia é uma iniciativa de grande envergadura, mas o Grupo BEI acredita estar à altura do desafio. Afinal, pode invocar o sucesso da sua resposta à crise anterior: o Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos (FEIE), um programa de garantia quinquenal, que terminou no final de 2020 e superou largamente o seu objetivo de mobilizar 500 000 milhões de EUR em investimento. «A ambição de robustecer a economia europeia está patente», declara Wilhelm Molterer, diretor executivo do FEIE. «Se queremos produzir um grande impacto, temos de criar um programa ambicioso e deitar mãos à obra.»

É isso que o FGE faz, sem dúvida, e com o dobro da rapidez. «Em circunstâncias normais, um mandato desta dimensão demoraria, pelo menos, dois anos a preparar, mas nós conseguimos-lo em seis meses», conta Ioanna-Victoria Kyritsi, responsável pela operacionalização do FGE no Banco Europeu de Investimento. «Trata-se de um projeto extraordinariamente ambicioso e novo para o Banco: é um instrumento de crise. Estamos, de facto, a tentar fazer uma enorme diferença para as entidades envolvidas nos Estados-Membros.»

**Afinal, como funciona o Fundo de Garantia Pan-Europeu?** O funcionamento é algo semelhante ao do Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos, em que uma garantia do orçamento da UE permitiu ao BEI realizar investimentos em empresas que, de outro modo, teriam sido considerados de risco demasiado elevado. No caso do Fundo de Garantia, o BEI assume um risco ainda maior. Com os empréstimos do FEIE, o Grupo BEI prestou um apoio sem precedentes às pequenas empresas, partilhando o risco de novos financiamentos com parceiros locais em toda a Europa. No âmbito do FGE, o Grupo BEI continua a recorrer aos seus parceiros locais como intermediários para chegar aos beneficiários finais. Consegue suportar a quota-parte maior do risco dos novos empréstimos concedidos aos beneficiários finais, com base nas garantias prestadas pelos Estados-Membros participantes. O FGE coloca os países europeus capazes de implementar uma rede nacional de segurança sólida em pé de igualdade com países cuja capacidade é mais limitada.

O FGE assemelha-se ao FEIE na medida em que utiliza uma garantia pública para mobilizar um volume de financiamento muito superior àquele que seria possível alcançar apenas com subvenções públicas. No entanto, distingue-se do FEIE pelo facto de o conceito ter sido adaptado para dar resposta a uma crise urgente. «O objetivo do FGE é disponibilizar liquidez num contexto de crise», explica Marcus Schluechter, conselheiro do diretor executivo do FEIE. «Trata-se de ajudar entidades que, no fundo, são viáveis mas que estão a sofrer as consequências económicas da crise sanitária, para que consigam pagar as suas contas e sobreviver à turbulência atual, de modo a poderem recuperar quando a situação estabilizar.»

## “ O objetivo é ganhar maior alcance para apoiar pequenas e médias empresas de todos os setores. ”

### Resposta de emergência

Quando a pandemia começou a alastrar na primavera, as pequenas empresas em toda a Europa tiveram de encerrar devido aos confinamentos. O Fundo de Garantia existe, principalmente, para ajudá-las, estando pelo menos 65 % dos seus investimentos consagrados ao apoio às pequenas e médias empresas (PME). O Grupo BEI também lançou um conjunto de programas de emergência:

- 10 000 milhões de EUR de fundo de maneiio adicional através de linhas de liquidez concedidas aos bancos;
- 10 000 milhões de EUR em empréstimos a PME através de programas de compra de títulos com ativos subjacentes;
- 8 000 milhões de EUR de financiamento através de regimes de garantia para aplicação imediata;
- 6 700 milhões de EUR de financiamento para projetos relacionados com a COVID-19 no exterior da União Europeia;
- 6 000 milhões de EUR de financiamento para investimentos nas infraestruturas de saúde e no desenvolvimento de vacinas e medicamentos.

Todos os Estados-Membros da UE foram convidados a contribuir para o Fundo de Garantia na proporção da sua participação no capital do BEI. A garantia ascende a quase 25 000 milhões de EUR. «O objetivo é ganhar maior alcance para apoiar pequenas e médias empresas de todos os setores», declara Piotr Stolowski, responsável pela operacionalização do FGE no FEI.

### O legado do FEIE

O FGE faz parte de um conjunto de programas desenvolvidos em resposta à COVID-19 depois de a Comissão Europeia ter unido esforços com os Estados-Membros da UE e as instituições europeias para preparar um pacote de ajudas rápidas e maciças destinadas às empresas devastadas pela pandemia. Entretanto, o FEIE já se encontrava no terreno, garantindo imediatamente centenas de milhões de euros de financiamento para projetos de combate à pandemia, incluindo 100 milhões de EUR para o programa de vacinas contra a COVID-19 da farmacêutica alemã BioNTech.

Inicialmente destinado a colmatar o défice de investimento resultante da crise financeira da década anterior, o FEIE tornou-se um instrumento flexível para lutar contra um choque súbito como a COVID-19 ou uma crise mais ampla como a das alterações climáticas. O seu sucesso assenta num conceito que, em vez de utilizar verbas públicas para subvenções, adota uma abordagem de mercado capaz de captar investimentos privados para projetos apoiados pelo BEI, multiplicando assim significativamente o impacto da garantia pública inicial.

O FEIE ultrapassou o seu objetivo de mobilizar 500 000 milhões de EUR em investimentos seis meses antes da data prevista, apesar de ter de se adaptar às consequências da COVID-19 na economia europeia. «Conseguimos disponibilizar com celeridade a liquidez urgentemente necessária para apoiar as empresas afetadas pela pandemia, bem como financiamento para as empresas que trabalham no desenvolvimento de medicamentos e vacinas», afirma Iliyana Tsanova, diretora executiva adjunta do FEIE. «A flexibilidade é a chave do sucesso.»

# TESTAR, TRATAR, VACINAR

## Investimentos cruciais apoiam todo um conjunto de respostas biotecnológicas e médicas à pandemia com vacinas, terapias e meios de diagnóstico para a COVID-19

**A** COVID-19 é uma doença sorrateira. Circula entre a população e esconde-se em pessoas assintomáticas. Surge disfarçada de uma simples constipação ou alergia. Se a conseguirmos detetar com bons testes, travar a sua propagação com novas vacinas e curar os doentes com terapias inovadoras, a pandemia acabará.

O Banco Europeu de Investimento está a apoiar dezenas de empresas que trabalham dia e noite para debelar a crise. A BioNTech, com sede em Mainz, na Alemanha, lidera agora o pelotão da frente na corrida para solucionar um dos maiores desafios da Humanidade, em parceria com a farmacêutica norte-americana Pfizer. O banco da UE assinou, em junho de 2020, um contrato de financiamento de 100 milhões de EUR com a empresa. Este e outros investimentos apresentados neste relatório contam com o apoio de programas como o InnovFin e o Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos, que financiam projetos inovadores e de alto risco.

«O melhor contributo que podemos dar para o combate à COVID é ajudar as empresas que estão a desenvolver novas vacinas, tratamentos ou soluções de diagnóstico», explica Gergely Krajcsi, gestor de investimentos do Banco Europeu de Investimento, que acompanhou o empréstimo à BioNTech e outras operações semelhantes. «Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para apoiar a BioNTech, porque, sejamos realistas, a COVID não vai desaparecer sozinha.»

### Detetar, travar, cuidar

Logo no início da crise, o pessoal do Banco Europeu de Investimento decidiu atuar em ambas as frentes ao mesmo tempo, por um lado, acudindo à emergência sanitária e, por outro, combatendo a recessão económica. O Banco repartiu o seu apoio às empresas biotecnológicas e médicas por três setores principais: vacinas, terapias e meios de diagnóstico. O objetivo era detetar as infeções, travar a propagação da doença e cuidar dos doentes.

Em abril, o Banco aprovou um novo financiamento de 5 000 milhões de EUR para apoiar medidas urgentes em áreas como os cuidados de saúde e a inovação médica associada à COVID-19. Desde então, mais de 40 empresas e projetos nas áreas da biotecnologia e da medicina foram considerados elegíveis para beneficiar de financiamentos do BEI no montante aproximado de 1 200 milhões de EUR. O Banco Europeu de Investimento apoia também programas mundiais de distribuição de vacinas contra a COVID-19, especialmente nos países em desenvolvimento. O Banco aprovou uma operação de 400 milhões de EUR a favor da COVAX, uma iniciativa mundial apoiada por centenas de países, pelo setor privado e por organizações filantrópicas para promover a igualdade no acesso à vacina.

### Uma prospeção de empresas para combater a COVID-19

No início da crise, o Banco analisou a sua carteira de operações de empréstimo em curso e procurou também novas empresas que pudessem necessitar de ajuda adicional. Identificou assim duas empresas: a BioNTech e a CureVac. O BEI foi a primeira instituição financeira a apoiar a investigação da BioNTech na área do coronavírus. Entretanto, a CureVac, especializada no tratamento de doenças raras, assinou em julho um empréstimo de 75 milhões de EUR com o Banco para ampliar as capacidades de produção da sua unidade em Tübingen, no sudoeste da Alemanha.

“ **O objetivo do BEI é acelerar o processo para que várias candidatas promissoras possam iniciar a produção em massa da vacina e disponibilizá-la à escala mundial.** ”

**As vacinas da CureVac e da BioNTech baseiam-se numa tecnologia nunca antes usada em vacinas comerciais, que poderá revolucionar o desenvolvimento de vacinas no futuro.** A técnica consiste em usar material genético não infeccioso, denominado RNA mensageiro, para injetar nas células musculares. A vacina entra nessas células e dá-lhes instruções para produzirem uma proteína semelhante às espículas do novo coronavírus. Esta nova proteína estimula o sistema imunitário a produzir anticorpos e a ativar as células T para combater o vírus, caso a pessoa seja exposta ao mesmo.

«As vacinas de RNA mensageiro são versáteis no sentido de que podem ser rapidamente adaptadas às mutações do vírus», explica Anna Lynch, especialista em ciências da vida do Banco Europeu de Investimento. «As vacinas da CureVac e da BioNTech podem ser modificadas em poucas semanas, se necessário, para atacar um vírus que tenha sofrido mutações.»

### Dívida de risco vital

Os investidores privados desconfiam frequentemente das vacinas, porque o seu sucesso é difícil de prever. «O apoio do Banco à BioNTech e à CureVac mostra como a dívida de risco de um banco público é importante para ajudar as empresas a inovar no setor das doenças infecciosas», constata Cristina Niculescu, outra especialista em ciências da vida do Banco Europeu de Investimento. O Ébola, a SARS e agora a COVID-19 foram a chamada de alerta para a necessidade de investirmos e estarmos preparados para pandemias. **Graças ao reforço do apoio dos setores privado e público, mais de 200 vacinas candidatas alcançaram diferentes fases de desenvolvimento no mundo inteiro. Várias delas deverão ser aprovadas até ao final do ano.** «O objetivo do BEI é acelerar o processo para que várias candidatas promissoras possam iniciar a produção em massa da vacina e disponibilizá-la à escala mundial», refere Cristina Niculescu. «Entretanto, temos imensos doentes em estado grave, pelo que também precisamos de soluções terapêuticas para tratar os doentes internados e evitar que se tornem casos agudos de COVID.»

Özlem Türeçli, diretora médica da BioNTech, afirma que o sucesso precoce da sua vacina nos permite hoje ter esperança. «Não creio que possamos dizer que a pandemia acabou», acrescenta, «mas este poderá ser um contributo para o princípio do seu fim.»

### As terapias serão sempre necessárias

Os empréstimos do BEI apoiam importantes empresas que desenvolvem terapêuticas para a COVID-19, entre as quais a Atriva, a Immunic, a AB Science e a Pluristem. Os produtos contra a COVID-19 destas empresas destinam-se a tratar doentes infetados, especialmente os casos mais graves que necessitam de internamento.

O principal medicamento candidato da Atriva, o ATR-002, visa reduzir a carga viral dos vírus RNA como a COVID-19 e a gripe, bem como impedir a propagação de infeções respiratórias agudas. O medicamento em forma de comprimido produziu resultados promissores nos ensaios pré-clínicos. Poderá proporcionar uma ajuda urgentemente necessária aos doentes com sintomas do coronavírus que necessitam de hospitalização. O medicamento da Atriva trata dois aspetos do coronavírus: por um lado, impede a replicação do vírus e, por outro,

previne uma reação excessiva do sistema imunitário do organismo. «Acreditamos que esta abordagem em duas frentes poderá ser extremamente eficaz», declara Olaf Althaus, diretor financeiro da empresa, que contratualizou um empréstimo de 24 milhões de EUR com o BEI em outubro. «Estamos muito otimistas em relação ao potencial do ATR-002 para combater a pandemia.» **O objetivo da Atriva é desenvolver um medicamento antiviral de largo espectro que também seja eficaz contra novas mutações do coronavírus ou novos vírus ARN que possam vir a causar futuras epidemias.**

Outro dos empréstimos concedidos em outubro destinou-se à Immunic, que está a usar os 24,5 milhões de EUR do BEI para desenvolver um fármaco semelhante, o IMU-838. Este medicamento, também em forma de comprimido, tem um amplo espectro de efeitos antivirais. O IMU-838 encontra-se na fase 2 de ensaios clínicos em doentes COVID-19 internados em estado moderado. O medicamento também está a ser testado em doenças inflamatórias crónicas e autoimunes, como a esclerose múltipla. «Em fevereiro, precisamente quando a pandemia ganhou uma escala mundial, surgiu-nos a ideia de que o nosso medicamento poderia ser eficaz contra a COVID-19», recorda Hella Kohlhof, diretora científica da Immunic.

O IMU-838 da Immunic visa reduzir a gravidade de infeções como a COVID-19 por diversas vias. Antes de mais, impede a replicação do vírus. Depois, induz a imunidade inata e, por último, pode ajudar o sistema imunitário do organismo a evitar uma reação excessiva a infeções graves. Funciona como um professor, que dá instruções às células do corpo. **«Quando as células do nosso corpo são infetadas por um vírus que depois pretende replicar-se, as nossas células respondem de forma muito simpática: "Não há problema, vamos ativar um novo mecanismo para ajudar o vírus"», explica Hella Kohlhof. «O vírus aproveita-se da bondade das células. O IMU-838 consegue bloquear este mecanismo ao inibir a enzima que ajuda a produzir os tais blocos de construção simpáticos.»**

A empresa francesa AB Science assinou, em novembro, um empréstimo de 15 milhões de EUR com o BEI para avançar com o desenvolvimento clínico do seu fármaco masitinib. O medicamento poderá ajudar pessoas que sofrem de doenças críticas associadas ao coronavírus, incluindo a denominada «tempestade de citoquinas» em que o sistema imunitário reage de forma excessiva à infeção. «A investigação da AB Science poderá ser vantajosa para o tratamento de doenças inflamatórias, neurodegenerativas e infecciosas, bem como de doenças oncológicas», adianta Yu Zhang, gestor de operações na área das ciências da vida e da biotecnologia no Banco Europeu de Investimento. «É possível que o nosso apoio a esta empresa venha mesmo a aumentar no futuro.»

As empresas que desenvolvem terapêuticas esperam que a sua investigação ajude a tratar um amplo conjunto de doenças. Afirmam que as suas terapias ainda serão necessárias por muito tempo, mesmo que a vacinação seja bem sucedida. «Em primeiro lugar, nem todas as pessoas vão querer ser vacinadas», diz Olaf Althaus da Atriva. **«Em segundo lugar, haverá sempre casos em que as vacinas não são eficazes ou não podem ser usadas. Depois de ter sido inventado o *airbag*, as ambulâncias também continuaram a ser necessárias.»**

“ **O tempo é essencial. É como se estivéssemos em guerra.** ”

## Tratamento baseado em células da placenta

A empresa germano-israelita Pluristem que, em abril, assinou um contrato de financiamento de 50 milhões de EUR com o BEI está a seguir uma via terapêutica diferente. **A empresa usa células da placenta – as mais poderosas células do corpo humano – para tratar infeções graves.** A Pluristem cultiva as células colhidas de placentas num biorreator 3D que simula as condições do corpo humano. Depois de injetadas nos doentes, as novas células ajudam o corpo a regenerar-se. A terapia poderá ser usada para tratar doentes com complicações do coronavírus – hipertensão pulmonar, fibrose pulmonar ou lesões renais e gastrointestinais agudas.

As placentas são recolhidas após o parto de bebés de termo saudáveis, nascidos de mães com menos de 35 anos que se submeteram a uma cesariana por opção. «Essas células podem depois ser usadas para o bem da Humanidade», explica Auvo Kaikkonen, especialista sénior na área das ciências da vida no BEI.

Uma das principais lições que aprendemos com os confinamentos devido à COVID-19 foi a importância do acompanhamento e rastreio da propagação da doença. O mais recente investimento do Banco na área da testagem destinou-se à Scope Fluidics, na Polónia. A empresa desenvolveu um sistema rápido de deteção de agentes patogénicos virais e bactérias. Em setembro, o BEI aprovou um empréstimo de 10 milhões de EUR em favor da Scope Fluidics. Denominado «PCR/One», o sistema completamente automatizado da empresa consegue identificar – em 15 minutos – até 20 agentes patogénicos e bactérias resistentes a medicamentos. Graças à precisão do sistema, os médicos já não terão de aguardar durante dias pelos resultados dos testes à COVID. Além disso, permite uma testagem mais frequente das pessoas. «A principal vantagem do nosso teste é a rapidez», explica Piotr Garstecki, diretor-geral da Scope Fluidics. «O tempo é essencial. É como se estivéssemos em guerra.»

Os atuais testes rápidos de despiste do coronavírus são considerados imprecisos por analisarem a presença de anticorpos à COVID-19. O problema é que algumas pessoas infetadas podem não ter ainda desenvolvido anticorpos. Nesse caso, podem dar um resultado falso. **Os testes PCR da Scope Fluidics têm uma exatidão de quase 100 %.** «Existe uma grande procura por este tipo de dispositivos», afirma Anna Stodolkiewicz, a gestora de empréstimos do BEI responsável pelo projeto. «O teste PCR é compacto, mas muito completo. Pode ser usado em aeroportos, estações de comboios ou em qualquer outro lugar.»

A testagem continuará a ser crucial mesmo após a chegada das vacinas contra o coronavírus. Uma boa parte da população não será vacinada na primeira fase, o que significa que o coronavírus continuará, provavelmente, a circular na comunidade. A Scope Fluidics espera que o seu sistema obtenha a aprovação provisória das autoridades reguladoras europeias até ao final do ano. **«Do ponto de vista económico», refere Piotr Garstecki, «até os testes em massa são uma opção preferível ao confinamento.»**

# «UMA BÊNÇÃO MARAVILHOSA»

## O Banco Europeu de Investimento associou-se ao banco de fomento nacional para levar às pequenas empresas italianas a esperança de vencer a crise da COVID-19

**Q**uando era criança, Giuliano Annigliato costumava rodar o botão da televisão uma e outra vez, só pelo prazer de sintonizar um dos dois canais televisivos disponíveis na altura. Talvez seja essa a razão pela qual o seu caminho o levou inevitavelmente à rádio e televisão local em Bagnoli, no bairro operário onde morava nos subúrbios de Nápoles.

Por outro lado, também nunca se esqueceu da angústia que sentiu quando o seu pai faleceu, vítima de ataque cardíaco. Aos 19 anos, foi um murro no estômago, um sofrimento sem igual. A fábrica onde o seu pai trabalhava ofereceu-lhe um emprego, mas ele recusou dizendo: «Não, obrigado. Hei de arranjar-me sozinho.» E, depois de uma década na comunicação social, foi exatamente isso que ele fez ao fundar as agências publicitárias A&C Network e Uno Outdoor.

**Durante três décadas, o negócio de Annigliato cresceu em dimensão e ambição, apoiando o restauro de monumentos em Nápoles e noutros locais com uma ideia inovadora que poupa dinheiro aos municípios. Mas quando, em março, a COVID-19 fustigou a Itália, a empresa de Annigliato também não escapou – a maioria dos seus clientes eram do setor do vestuário, um dos mais duramente atingidos pela pandemia.**

A esperança chegou com os **1 500 milhões de EUR de financiamento para as pequenas empresas italianas concedido pelo Banco Europeu de Investimento, naquilo que foi a sua primeira resposta imediata à COVID-19 e o maior apoio prestado a um único país durante a pandemia.** Em parceria com o banco de fomento nacional italiano Cassa Depositi e Prestiti (CDP), o BEI apoiou um empréstimo de 2,3 milhões de EUR concedido a Giuliano Annigliato pelo Monte dei Paschi di Siena, o banco mais antigo do mundo.

«Estamos ao lado das pequenas e microempresas italianas», declara Claudia Barone, gestora de empréstimos do Banco Europeu de Investimento que tem estado envolvida nesta resposta rápida desde o início da crise. Aprovado em abril pelo Conselho de Administração do Banco Europeu de Investimento, até julho já tinham sido desembolsados mais de 600 milhões de EUR a pequenas empresas.

### Preservação da história de Nápoles

Se for a Nápoles e se deparar com um grande painel a envolver a fachada de um monumento, é bem provável que a ideia criativa seja da autoria de Giuliano Annigliato: «Estes anúncios publicitários pagam o restauro de edifícios históricos.» Os obeliscos, fontanários e monumentos atraem as atenções de empresas e marcas como a Original Marines, Burger Italy, Liu Jo e Enrico Coveri, entre outras. Estas empresas têm uma «janela publicitária» temporária em Nápoles, enquanto os monumentos estão a ser restaurados, sem qualquer custo para a cidade.

Atendendo à riqueza histórica de Nápoles, existem muitos trabalhos de restauro por fazer. Não obstante, no pico da pandemia em Itália, nos meses de março e abril, o negócio de Giuliano Annigliato esteve praticamente parado. **Nem mesmo o dinheiro reservado para emergências teria sido suficiente para pagar aos seus 36 funcionários durante muito tempo. Para alguns deles, Annigliato teve de recorrer ao regime de *layoff*.**

“ **Em parceria com o CDP, mobilizámos as nossas energias, trabalhando como uma só equipa em benefício das pequenas empresas italianas.** ”

Depois, no final de abril, quando parecia que o mundo ia desabar sobre a sua cabeça, **Giuliano Annigliato recebeu através do CDP e do Monte dei Paschi di Siena alguma da tão necessária liquidez do Banco Europeu de Investimento. Esta almofada financeira permitiu-lhe, felizmente, aceitar uma grande encomenda online da emblemática marca francesa Rossignol.** «Foi uma bênção maravilhosa», conta Giuliano Annigliato com uma voz calorosa e entusiasmada, mas também com alívio visível no rosto deste homem que esteve à beira do limite.

Giuliano Annigliato está agora a voltar-se para o mercado *online*, procurando novos canais para comercializar os seus novos produtos. «Se há coisa que a crise nos ensinou», recorda, «é que não devemos desperdiçar nenhuma oportunidade». «Hoje é o vírus; amanhã será outra coisa qualquer. A vida é assim. E quando a vida acontece, temos simplesmente de lidar com ela.»

### **Demasiado pequeno e arriscado? Não há problema!**

Anniigliato compara a crise pandémica com uma guerra que temos de travar com paixão, flexibilidade, racionalidade e coragem. Sem estes ingredientes, a operação conjunta entre o Banco Europeu de Investimento e a Cassa Depositi e Prestiti também não se teria concretizado. Parceiras de longa data, as duas instituições gozam de um vasto e profundo entendimento, que oferece segurança e tranquilidade. **«Em parceria com o CDP, mobilizámos as nossas energias, trabalhando como uma só equipa em benefício das pequenas empresas italianas»**, diz Claudia Barone do BEI. «Foi necessário muito trabalho, incluindo a simplificação de procedimentos morosos e complicados», acrescenta.

O resultado é impressionante. **O BEI apoia o instrumento «Plataforma de Empresas» do CDP com condições vantajosas. O CDP disponibiliza os fundos a intermediários financeiros como o Monte dei Paschi di Siena que, por sua vez, apoiam empresários como Giuliano Annigliato.** Graças à parceria com o CDP, o financiamento do BEI pode alcançar bancos que, em circunstâncias normais, não teriam acesso às suas condições vantajosas por serem demasiado pequenos ou implicarem um risco excessivo. Uma vez que o CDP não aplica qualquer margem, Giuliano Annigliato e outros pequenos empresários podem beneficiar plenamente das taxas de juro favoráveis do BEI.

Neste momento, Giuliano Annigliato prepara-se para restaurar o Maschio Angioino, o castelo medieval no centro de Nápoles, que é também um símbolo da cidade. Apesar das muitas pestes e epidemias que viram passar por Nápoles, os seus torreões continuam de pé. Tal como continuará a empresa de Annigliato, graças à cooperação entre o CDP e o BEI.

# UM BALÃO DE OXIGÉNIO PARA O NORTE DE ESPANHA

Um banco catalão procura ajudar quase 50 000 pessoas a manter o emprego, a pagar as contas e a sobreviver durante a recessão económica causada pelo coronavírus

**A** COVID-19 desferiu um duro golpe em muitos setores da economia, mas as empresas dependentes do turismo e das viagens foram particularmente atingidas. Para muitas delas, o financiamento apoiado pelo Banco Europeu de Investimento tem sido um balão de oxigénio. «Acreditamos que as coisas vão melhorar em 2021, mas nos próximos anos teremos de trabalhar arduamente e controlar bem as despesas», afirma Rafael Ruiz, diretor financeiro da Barcelona Technical Center, uma empresa de engenharia com sede em Martorell, no noroeste de Barcelona, que emprega 148 pessoas e cria produtos para os setores automóvel, aeronáutico e ferroviário.

A empresa de Rafael Ruiz contraiu um empréstimo de 950 000 EUR junto do Institut Català de Finances (ICF), o banco catalão público para pequenas empresas e empresários. «Este empréstimo permitiu-nos continuar a pagar salários e honrar outros compromissos, apesar do decréscimo de projetos», explica Rafael Ruiz.

“ **Estamos a ajudá-los a criar novos modelos de negócio para que possam retomar as suas atividades e estimular a economia.** ”

**Este balão de oxigénio financeiro concedido à Barcelona Technical Centre foi possível graças a um empréstimo de 250 milhões de EUR que o Banco Europeu de Investimento contratualizou com o ICF. O empréstimo ajudará até 48 000 pessoas nos setores do comércio, do turismo, da restauração e da cultura, entre muitos outros, a pagar as suas contas e a desenvolver novos planos de negócios. O banco da UE e o ICF mantêm, desde 2008, uma estreita colaboração para apoiar milhares de pequenas empresas da região.**

«Estamos constantemente atentos a sinais de recuperação», diz Rafel Niubò, secretário-geral da Eurofitness, uma empresa de Barcelona que se dedica à gestão e construção de ginásios e centros de prática desportiva em toda a Espanha. A Eurofitness atravessou um período difícil durante a pandemia e teve de fechar muitos ginásios. Rafel Niubò começa a ver alguns sinais encorajadores, mas o seu objetivo agora é simplesmente manter a empresa em funcionamento. A Eurofitness, que emprega 327 pessoas, contraiu um empréstimo de 1 milhão de EUR junto do ICF. Graças a este apoio, conseguiu evitar cortes salariais e despedimentos e não teve de reduzir o seu serviço de assistência aos clientes.

**Foram 2 000 as empresas elegíveis para empréstimos concedidos com este financiamento do Banco Europeu de Investimento. Com o empréstimo do BEI e investimentos provenientes de outras fontes públicas e privadas, o ICF pretende disponibilizar até 1 000 milhões de EUR para ajudar as pequenas empresas a atravessar a crise.**

“ **O BEI está a apoiar, mais do que nunca, as pequenas empresas em Espanha. Trabalhamos em estreita parceria com os nossos intermediários para alcançar o maior número possível de empresas.** ”

### Novos modelos de negócio para dar resposta à crise

Josep-Ramon Sanromà, diretor-geral do banco público da Catalunha, diz que os seus funcionários têm trabalhado intensivamente para oferecer novas soluções de financiamento aos empresários. «A crise teve um forte impacto nas empresas da Catalunha durante o confinamento», explica. «As empresas estiveram paradas, as vendas caíram e os negócios foram redirecionados em resposta às novas medidas de segurança. Muitos deles, especialmente os trabalhadores independentes e as pequenas empresas, precisam de mais apoio financeiro. Estamos a ajudá-los a criar novos modelos de negócio para que possam retomar as suas atividades e estimular a economia.»

O produto interno bruto e as taxas de emprego em Espanha caíram drasticamente em 2020. Contrariamente à maioria dos outros países europeus, a economia espanhola depende fortemente do turismo e das operações imobiliárias, dois setores que enfrentam especiais dificuldades devido à COVID-19. A Espanha começa a dar sinais de recuperação e o seu PIB deverá crescer em 2021, de acordo com as previsões do Fundo Monetário Internacional. «O impacto económico foi grave em todo o país, mas aos poucos começamos a ver uma luz ao fundo do túnel», diz Alex Saz-Carranza, o gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento responsável pelas operações de ajuda ao relançamento económico de muitas regiões de Espanha. «O BEI está a apoiar, mais do que nunca, as pequenas empresas em Espanha. Trabalhamos em estreita parceria com os nossos intermediários para alcançar o maior número possível de empresas, de modo a mitigar as consequências económicas da pandemia e a ajudar as empresas a sobreviver e a preservar os postos de trabalho.»

### Resposta rápida à crise do coronavírus

**O contrato de empréstimo entre o Banco Europeu de Investimento e o ICF foi o primeiro de dezenas de outras grandes operações aprovadas ao abrigo do programa de 5 000 milhões de EUR do Grupo BEI para ajudar as empresas europeias a vencer a crise. Esta operação do Banco Europeu de Investimento em Espanha demorou apenas alguns meses a ser aprovada ao abrigo de um procedimento acelerado para prestar uma ajuda rápida às pequenas empresas.**

O financiamento suplementar chegou na hora certa para empresas como a Atrápalo, uma agência de viagens *online* com sede em Barcelona onde trabalham 220 pessoas. A Atrápalo contraiu um empréstimo de 500 000 EUR junto do banco público da Catalunha para ajudar a pagar salários e para se precaver contra os imprevistos. «Existem muitas incertezas quanto ao futuro», diz Luis Alonso, diretor financeiro da Atrápalo. «Não sabemos quando ou com que rapidez as viagens, o turismo e as atividades de lazer irão recuperar, mas com este empréstimo conseguiremos gerir estas incertezas e compensar a quebra de atividade registada durante a pandemia.»

# REGRESSO AO ESSENCIAL

**Numa área habitualmente caracterizada por tecnologias de ponta e pela inovação, vimos, em 2020, as autoridades de saúde em toda a Europa a lutar por financiamento para equipamento médico básico, enquanto outras procuravam soluções simples para as espículas da COVID-19**

**A** cidade de Kiskunhalas no sul da Hungria anteviu que os serviços de saúde da região iriam ter dificuldades em controlar a taxa de infeção por COVID-19 em março, pelo que o Governo decidiu edificar um hospital móvel. «Foi construído em apenas algumas semanas para dar resposta ao aumento do número de internamentos na região», explica Gabor Kiss, gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento responsável pelo financiamento do hospital de Kiskunhalas e de outros equipamentos médicos de emergência para a COVID-19 na Hungria.

Concluído em abril, o hospital epidémico móvel de Kiskunhalas tem capacidade para acolher 150 doentes, destinando-se especificamente ao tratamento de doentes COVID-19 que necessitam de cuidados intensivos. «O hospital também ajuda a conter o vírus», salienta Tunde Szabo, economista do Banco especializado na área da saúde. «Os serviços de saúde locais conseguem separar os doentes com coronavírus dos restantes, reduzindo assim significativamente o risco de infeções por COVID-19 contraídas em meio hospitalar.»

Normalmente, o Banco Europeu de Investimento apoia a inovação médica – desde o financiamento de infraestruturas hospitalares, dispositivos médicos e inovações biotecnológicas ao desenvolvimento de vacinas contra a COVID-19. Todavia, num ano tão atípico como este, não era de tecnologias e ferramentas inovadoras que os hospitais e profissionais de saúde em todo o mundo mais precisavam, sobretudo nos primeiros meses da pandemia. Pelo contrário, os governos debatiam-se com dificuldades em fornecer equipamentos essenciais para prevenir a propagação da doença, além da falta de infraestruturas e de recursos humanos para tratar casos graves de SARS-Cov-2. Por isso, apresentaram ao Banco Europeu de Investimento pedidos de financiamento para satisfazer necessidades médicas muito mais básicas do que o habitual.

## 500 maneiras de ajudar

Os países tiveram de reagir rapidamente para fornecer aos seus hospitais e centros de saúde equipamentos de proteção essenciais, incluindo máscaras cirúrgicas, luvas e desinfetantes, bem como equipamento especificamente necessário para cuidados críticos relacionados com a SARS-Cov-2, tais como camas de cuidados intensivos e equipamento respiratório.

Em março de 2020, embora não estando a Hungria entre os países da UE mais duramente atingidos, o Governo precisava de travar a taxa de infeções para proteger a saúde da sua população. Além disso, tinha de se preparar para uma eventual segunda vaga de infeções. Tal viria a revelar-se crucial quando, no final do ano, o país foi atingido com particular gravidade pela pandemia. **Para ajudar o país a financiar a sua resposta de emergência, o Banco Europeu de Investimento concedeu ao Governo húngaro um empréstimo de 162,5 milhões de EUR que serviu para financiar quase 500 tipos de produtos diferentes de que o setor dos cuidados de saúde necessitava para evitar a propagação da doença e para tratar os doentes com eficácia.**

«Este foi um projeto especial para o Banco na área da saúde», afirma Tunde Szabo, do BEI. «Geralmente, os nossos projetos estão relacionados com a modernização de hospitais e a inovação na área da saúde, mas estamos a viver tempos extraordinários. Reconhecendo a necessidade urgente, tivemos de reagir rapidamente para apoiar os Estados-Membros da UE e ajudá-los de todas as formas que podíamos a fazer face à crise do coronavírus.»

Equipamentos de proteção respiratória, desinfetantes, máscaras, ventiladores, monitores de sinais vitais – eis apenas alguns dos produtos que o Governo húngaro conseguiu adquirir com este empréstimo. «O empréstimo destinou-se praticamente na totalidade à aquisição do equipamento e material médico necessário para o funcionamento diário dos centros de saúde durante a pandemia», explica Tunde Szabo. Os novos equipamentos médicos adquiridos foram distribuídos por toda a Hungria.

## Soluções simples para a COVID-19 num projeto hospitalar checo

A resposta húngara à crise é apenas um dos muitos projetos relacionados com a COVID-19 que o BEI apoiou no ano transato. O número de projetos do Banco na área dos cuidados de saúde triplicou em relação ao ano anterior. Contudo, os projetos no setor da saúde financiados pelo Banco em 2020 não se centraram exclusivamente na resposta de emergência. Apesar das circunstâncias inéditas, o BEI não descurou os seus objetivos a longo prazo em termos de infraestruturas de cuidados de saúde.

A crise do coronavírus levou aos limites os serviços de saúde locais. A pandemia também veio expor as suas vulnerabilidades e falta de preparação. As insuficiências dos hospitais mais antigos tornaram-se evidentes, obrigando as administrações locais a encontrar soluções. Este é o motivo pelo qual **o BEI está a apoiar a Região da Boémia Central na República Checa com um empréstimo de 48 milhões de EUR destinado a melhorar a sua preparação para situações de emergência e a modernizar as suas infraestruturas de cuidados de saúde, transportes, assistência social e educação.**

Mais de metade do dinheiro será investido na renovação e modernização de cinco hospitais da região, bem como no serviço de ambulâncias da Boémia Central. Graças ao investimento, quase 1,4 milhões de pessoas na região terão melhor acesso a serviços de saúde de maior qualidade. «O programa permitirá que estes estabelecimentos médicos se tornem mais eficientes, melhorem a qualidade dos seus serviços e contribuam para a eficiência energética e preparação para situações de emergência», informa Tunde Szabo.

“ **Não se trata de aumentar o número de camas hospitalares. Pelo contrário, trata-se de melhorar a resiliência dos nossos hospitais.** ”

## A melhor altura para prevenir a próxima pandemia

«A forma mais eficaz de fazer face a uma pandemia é melhorando as nossas atuais estruturas de saúde», explica Szabo. «Não se trata de aumentar o número de camas hospitalares. Pelo contrário, trata-se de melhorar a resiliência dos nossos hospitais.» Isso pode ser feito com soluções simples, como a melhoria dos sistemas de ventilação para reduzir o número de infeções hospitalares, uma das alterações realizadas nos hospitais checos.

«Também passa por repensar o nosso sistema de cuidados de saúde», salienta Tunde Szabo. «Temos de aumentar o número de centros para cuidar de doentes crónicos. Os cuidados crónicos não devem ser prestados em hospitais de agudos, por ser a forma de cuidados que mais recursos consome. As instalações construídas propositadamente para a prestação de cuidados crónicos são muito mais eficientes e mais fáceis de adaptar para efeitos de controlo de infeções.» A pandemia do coronavírus obrigou-nos a acelerar estes projetos – a repensar os nossos hospitais e a avaliar até que ponto estamos efetivamente preparados. Como todos pudemos perceber este ano, a melhor altura para prevenir a próxima pandemia é agora.

## SOLUÇÕES PARA O CLIMA

# ESPECIALISTAS DO BANCO AVALIAM OS DESAFIOS CLIMÁTICOS

Para dar resposta à emergência climática global e apoiar o Pacto Ecológico Europeu, o BEI estabeleceu objetivos ambiciosos em matéria climática e está a transformar-se no Banco do Clima da União Europeia. Simultaneamente, há quem agora defenda que, para combater os efeitos da crise da COVID-19, os apoios devem focar-se exclusivamente no crescimento e na criação de emprego. Para o BEI, a recuperação é ecológica e tem de nos conduzir, com firmeza, ao objetivo de emissões líquidas nulas. O Roteiro do Banco do Clima, que irá orientar-nos a caminho das metas climáticas, foi elaborado em 2020. 2021 será, portanto, o primeiro ano de aplicação deste plano de ação verde.

**Elina Kamenitzer**, chefe da Divisão de Coordenação – Ação Climática e Ambiente, Direção de Operações

A pandemia levou-nos a perceber, de forma dura mas direta, que as futuras decisões de investimento em infraestruturas terão de ser consideradas num contexto de expectativas mais radicais em relação às necessidades, aos comportamentos e à utilização de recursos no futuro. Esta mudança de paradigma implica que os promotores dos projetos – e os financiadores – apliquem um novo conjunto de indicadores de avaliação da sustentabilidade. A fim de reforçar a capacidade dos promotores e dos intermediários financeiros para melhor compreenderem e aplicarem estas novas técnicas e normas, será necessário um apoio significativo em termos de aconselhamento e assistência técnica.

**Frank Lee**, chefe da Divisão da Plataforma Europeia de Aconselhamento ao Investimento, Direção de Operações

Mesmo em tempos difíceis, o vento tem continuado a soprar e o sol não deixou de brilhar. As energias renováveis mostraram ser resistentes à COVID-19. O caminho a seguir não poderia ser mais evidente. Agora só temos de acelerar a transição para o nosso futuro verde.

**Alessandro Boschi**, chefe da Divisão de Energias Renováveis, Direção de Projetos

As cidades estão na linha da frente da crise da COVID-19, mantendo a funcionar serviços essenciais como os cuidados de saúde, a proteção civil, os transportes urbanos e a gestão dos espaços públicos, apesar de verem as suas receitas fortemente limitadas em consequência do abrandamento da economia urbana. Em 2020, lançámos programas de reabilitação urbana em resposta à COVID-19 em cidades tão importantes como Grenoble, Milão e Barcelona, e desenvolvemos programas nacionais de reabilitação urbana em França, nos Países Baixos e na Polónia. O ano de 2020 ficou ainda marcado pelo lançamento de um novo e importante mecanismo de aconselhamento – o City Climate Gap Fund – que está a ser operacionalizado pelo BEI e pela GIZ, a agência alemã para a cooperação internacional, em parceria com o Banco Mundial com a finalidade de prestar apoio às cidades de países emergentes e em desenvolvimento na fase inicial da preparação de projetos. Financiado pelo Luxemburgo e pela Alemanha, este fundo deverá contribuir para o arranque de projetos inteligentes do ponto de vista climático nos setores da água, da mobilidade urbana sustentável, da eficiência energética e da adaptação às alterações climáticas.

**Gerry Muscat, chefe da Divisão de Desenvolvimento Urbano, Direção de Projetos**

O BEI demonstrou rapidez na resposta à COVID-19. A capacidade do Banco para desenvolver novas abordagens e fazer face a desafios sem precedentes será ainda mais crucial no combate às alterações climáticas e à destruição ambiental. Tornar-se o Banco do Clima da UE será não só um contributo importante para o Pacto Ecológico Europeu, mas também uma experiência altamente gratificante para todos quantos participam no combate à maior ameaça que o mundo enfrenta neste momento.

**Heinz Oibers, diretor, Europa Ocidental, Direção de Operações**

Desde a invenção da roda, os transportes – dos grandes navios aos aviões supersónicos – ocupam o centro da atividade humana e têm impulsionado e potenciado o progresso tecnológico. É agora a nossa vez de enfrentar os desafios existenciais do tempo que nos coube viver. Uma revolução verde e digital está a varrer o setor dos transportes numa altura em que o clima do nosso planeta se encontra em convulsão e uma pandemia sanitária ameaça a Humanidade. Os transportes são, a um tempo, parte da solução e do problema. Este é o único setor emissor de CO<sub>2</sub> que continua a crescer, embora seja também um dos setores económicos mais gravemente afetados pela pandemia. Espera-se, contudo, que os transportes liderem a retoma, num processo de transição ecológica que o BEI irá apoiar com vista à criação de um sistema de transportes verdadeiramente sustentável.

**Gavin Dunnett, diretor, Mobilidade, Direção de Projetos**

# UM PLANO PARA O PLANETA

## O Roteiro do Banco do Clima orientará o financiamento com que apoiaremos o Pacto Ecológico Europeu para alcançar a neutralidade carbónica na Europa

**A** próxima década será crucial para a emergência climática e ambiental. O nosso Roteiro do Banco do Clima define o modo como iremos honrar o nosso compromisso reforçado com o clima e o ambiente, em conformidade com o Pacto Ecológico Europeu, no período de 2021 até 2025. Vamos acelerar a transição para uma economia com baixas emissões de carbono, resistente às alterações climáticas e ambientalmente sustentável e alinhar todo o financiamento pelo Acordo de Paris, sem deixar ninguém para trás e apoiando, ao mesmo tempo, os objetivos de desenvolvimento a longo prazo.

«Esta ambição acrescida tem implicações profundas para o Grupo BEI, na medida em que transforma as prioridades e a forma como trabalhamos», afirma Stephen O'Driscoll, chefe da Divisão de Ambiente, Clima e Assuntos Sociais. «Trata-se de uma mudança de ADN, em que concentramos todos os nossos esforços na concretização dos objetivos do Pacto Ecológico Europeu.»

Desde 2015 que o Banco tem uma estratégia ambiciosa para o clima. A ideia de um novo Roteiro do Banco do Clima surgiu no final de 2019, depois de o Conselho Europeu e os países da UE terem instado o Grupo BEI a reforçar o seu apoio ao Pacto Ecológico Europeu e a agilizar a transição para um continente com neutralidade carbónica até 2050.

### Maior recurso a energias limpas e mais inovação

Eis os principais destaques do Roteiro:

- Aumentar o financiamento do BEI dedicado à ação climática e à sustentabilidade ambiental dos cerca de 30 % atuais para mais de 50 % até 2025;
- Alinhar todos os novos financiamentos pelos princípios e objetivos do Acordo de Paris;
- Mobilizar um bilião de EUR de investimento destinado à ação climática e à sustentabilidade ambiental entre 2021 e 2030;
- Reforçar a decisão de não apoiar novos projetos energéticos baseados em combustíveis fósseis convencionais;
- Manter a liderança nos mercados de capitais, em que o BEI foi a primeira instituição a emitir uma obrigação verde e continua a ser o maior emitente supranacional de obrigações verdes;
- Dar prioridade às energias limpas, às tecnologias inovadoras e à digitalização, que terão um papel importante a desempenhar na modernização e descarbonização das indústrias;
- Aumentar o financiamento que contribua para a adaptação das sociedades às alterações climáticas e torne as economias mais resilientes.

**O Roteiro descreve a forma como o Banco irá direcionar mais apoio para as comunidades com economias fortemente dependentes das indústrias de elevada intensidade energética, tais como a indústria do carvão ou a produção de aço. Isso significa atribuir mais recursos a uma «transição justa» e à igualdade social, incluindo mais formação, postos de trabalho e serviços de aconselhamento para populações cujos meios de subsistência se encontram ameaçados pela transição para uma economia hipocarbónica e pelos efeitos das alterações climáticas. O Banco também irá apoiar a transição para uma economia com baixas emissões de carbono e ambientalmente sustentável no resto do mundo, dedicando especial atenção à resiliência das comunidades vulneráveis às alterações climáticas.** «Quando pensamos nos meios de subsistência colocados em risco pelos efeitos das alterações climáticas, temos consciência de que as populações dos países em desenvolvimento, sobretudo dos países menos desenvolvidos e dos pequenos Estados insulares, são fre-

quentemente as mais vulneráveis e as que têm menos recursos financeiros para se adaptarem», constata Nancy Saich, especialista em alterações climáticas.

Todos os países terão de operar grandes mudanças ao longo da próxima década. O Roteiro ajudará o Banco a encontrar novos parceiros e a alargar o alcance da sua ação em todo o mundo para concretizar os objetivos climáticos a que se propõe.

**Leia a versão integral do Roteiro do Banco do Clima em [www.eib.org/cbr](http://www.eib.org/cbr).**

## AS PRÓXIMAS INICIATIVAS ECOLÓGICAS

**A Plataforma Europeia de Aconselhamento ao Investimento, uma parceria entre o BEI e a Comissão Europeia, ajuda os Estados-Membros e as empresas a preparar projetos para financiamento futuro. O seu trabalho contribui para a concretização das ambições da Europa na área do clima.**

### Hidrogénio como combustível alternativo

O Ministério alemão dos Transportes e da Infraestrutura Digital solicitou apoio de consultoria estratégica para o desenvolvimento de um modelo de financiamento tendo em vista a utilização do hidrogénio como combustível alternativo na rede de transportes da Alemanha. A Plataforma presta apoio intersectorial aos serviços de consultoria técnica e financeira, ajudando-os a avaliar as perspetivas do mercado de hidrogénio e a propor modelos de financiamento e de distribuição.

### Adaptação às alterações climáticas em Génova

Municípios como Génova, em Itália, precisam de assistência na análise das diferentes opções de medidas de adaptação às alterações climáticas. A tarefa da Plataforma consiste em analisar diversas opções de adaptação para projetos em três ou quatro cidades diferentes e comparar os respetivos custos e benefícios. Com base nos resultados dessa análise, será possível retirar conclusões sobre a opção de adaptação mais adequada em cada caso.

### Avaliar a eficiência energética

O banco de fomento checo ČMZRB solicitou ajuda à Plataforma Europeia de Aconselhamento ao Investimento para reforçar o volume de investimento na área da eficiência energética com recurso a fundos da UE. A Plataforma levou a cabo uma avaliação do mercado, que resultou numa proposta de instrumento de garantia para suprir as lacunas do mercado, incluindo a definição da estratégia de investimento, das estruturas de governação e dos processos de monitorização e informação. A avaliação também identificou a necessidade de um mecanismo de balcão único para a prestação de assistência técnica a projetos potenciais, o que levou à apresentação de uma candidatura de assistência ao desenvolvimento de projetos ao abrigo do programa ELENA (Assistência Europeia à Energia Local). Esta iniciativa mostra que é possível mobilizar fundos da UE e cofinanciamento do BEI através de instrumentos financeiros inovadores para apoiar o desenvolvimento de contratos de desempenho energético, combinados com ajudas ao investimento para a renovação completa de edifícios. Estes contratos também estão previstos no âmbito da Vaga de Renovação, uma iniciativa da Comissão Europeia cujo objetivo consiste em duplicar as taxas de renovação energética na próxima década. O instrumento financeiro deverá estar operacional em 2021.

# QUANDO O VENTO NÃO SOPRA

## Na Suécia, dois fabricantes de baterias inovadoras pretendem fornecer energia limpa para habitações e o automóveis

**F**aça sol ou faça vento, as centrais fotovoltaicas e os parques eólicos produzem energias renováveis. Mas o vento nem sempre sopra e o sol não costuma brilhar na hora exata em que precisamos de eletricidade. Daí que as baterias sejam tão importantes para um futuro verde. Duas empresas suecas, a Nilar e a Northvolt, produzem baterias que armazenam energia verde para ser usada quando faz falta.

A Nilar dedica-se, há mais de 15 anos, ao desenvolvimento de um novo modelo de baterias à base de níquel em formato grande, lançado no mercado em 2019. As baterias de níquel-hidreto metálico vendidas pela empresa são concebidas para armazenar energias renováveis em habitações ou zonas comerciais, municipais e industriais. Não pretendem substituir-se ao lítio nos veículos 100 % elétricos, uma vez que o níquel é um metal mais pesado. Mas, como não são inflamáveis, as baterias de níquel-hidreto metálico da Nilar são seguras para a utilização em edifícios. Além disso, têm uma vida útil de 20 anos e a sua reciclagem compensa em termos económicos.

**As baterias custam cada vez menos. Desde 2010, o custo das baterias de íões de lítio para veículos elétricos baixou quase 90 %, enquanto o das baterias estacionárias à base de níquel desceu cerca de dois terços. Mas quase todas as baterias avançadas são atualmente importadas do exterior da União Europeia. Tendo em conta que o preço torna as baterias mais acessíveis, é importante desenvolver a produção de baterias na Europa, onde o mercado das energias limpas continua a crescer a passos largos.** Contudo, o desenvolvimento de baterias é um processo moroso, caro e cheio de incertezas. Para que uma empresa seja competitiva, necessita de um grande volume de produção, pelo que as empresas em fase de arranque têm dificuldades em encontrar investidores comerciais e obter financiamento bancário.

### Promover a inovação rápida

Sem um histórico comercial sólido, a Nilar é o tipo de empresa para a qual o financiamento do Banco Europeu de Investimento é vital. O banco da UE apoia a investigação e o desenvolvimento em grande escala de produtos inovadores, de modo a torná-los mais atrativos para os investidores privados. **«O Banco Europeu de Investimento desempenha um papel extremamente importante quando se trata de promover a inovação rápida em pequenas empresas com tecnologias completamente novas», afirma Michael Obermayer, presidente da Nilar.** As empresas tecnológicas com projetos inovadores que não sejam capazes de ultrapassar a barreira da intensidade de capital necessária para a expansão não conseguem crescer, e as suas ideias poderão ficar na gaveta. «A disponibilidade do Banco Europeu de Investimento para conceder empréstimos à Nilar, ajudando-a a colocar a sua tecnologia no mercado no início da fase de comercialização é fundamental», acrescenta Obermayer.

As baterias de nova geração assumem um papel primordial na prossecução do objetivo da Comissão Europeia de reduzir as emissões de carbono em 55 % até 2030. Além disso, deverão contribuir para reforçar a independência energética e, por conseguinte, a segurança energética da Europa.

“ **O nosso investimento permitiu alcançar tudo de uma só vez... Caso contrário, a tecnologia corre o risco de ficar na gaveta ou de ser comprada, eventualmente por concorrentes do exterior da União Europeia.** ”

### Energia verde para veículos elétricos

As baterias da Northvolt também são ecológicas. Mas, contrariamente às da Nilar, as baterias de íões de lítio da Northvolt destinam-se sobretudo à utilização em veículos elétricos. Em vez de uma única bateria como os telemóveis, os carros elétricos usam um pacote composto por milhares de células individuais de íões de lítio em interação. Quando o automóvel está a carregar, a eletricidade é armazenada através de processos químicos no interior das baterias. Quando o automóvel se desloca, a bateria alimenta o motor elétrico com energia sem libertar carbono. A substituição dos automóveis poluentes por veículos elétricos não poluentes é crucial para a transição ecológica.

A Nilar e a Northvolt beneficiam de empréstimos do BEI, em parte concedidos ao abrigo do programa InnovFin da Comissão Europeia, que financia projetos de demonstração inovadores em domínios ligados à transformação do sistema energético, incluindo o armazenamento de energia.

Com o empréstimo de 46 milhões de EUR do Banco Europeu de Investimento, a Nilar pretende expandir a sua capacidade de produção, passando de uma para oito linhas. Com estas baterias, os proprietários de casas, os estabelecimentos comerciais e industriais equipados com painéis solares e as pequenas centrais de energias renováveis poderão passar a vender os seus excedentes de energia verde.

### Expansão da produção sueca de baterias

Também no caso da Northvolt, o fator que motivou o apoio do banco da UE foi a expansão da produção de baterias para carros elétricos. Graças a um empréstimo do Banco Europeu de Investimento apoiado pelo InnovFin, a empresa construiu uma linha de demonstração do seu protótipo em Västerås, nos arredores de Estocolmo. A fábrica iniciou a produção do novo tipo de bateria no final de 2019.

A Northvolt já deu o passo seguinte: uma fábrica de baterias de íões de lítio em Skellefteå, no nordeste da Suécia. **A fábrica de Skellefteå beneficia de outro empréstimo do Banco Europeu de Investimento, desta vez no montante de 350 milhões de USD, com recurso à garantia do Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos**, que faz parte do Plano de Investimento para a Europa. «O armazenamento de energias renováveis é fundamental para uma sociedade com neutralidade carbónica», afirma Peter Carlsson, diretor-geral da Northvolt, «e a chave está nas baterias».

# O QUE OS MONTY PYTHON IGNORAVAM A RESPEITO DOS TREMOÇOS

**Um fundo de investimento para a bioeconomia visa colmatar lacunas de financiamento para que empresas com tecnologias comprovadas possam expandir-se em toda a Europa**

O grupo de humoristas britânicos Monty Python protagonizou, em tempos, uma rábula em que um salteador desajeitado assalta as suas vítimas com uma exigência ridícula: «Os seus tremoços ou a vida!» A piada era que os tremoços não valiam nada, porque não passavam de vulgares flores roxas. A empresa alemã Prolupin sabe que não é bem assim. A empresa desenvolveu um gelado vegan sem leite e toda uma gama de outros produtos alimentares à base de sementes de tremoço. Com sede perto de Rostock, a Prolupin comercializa os seus produtos na Alemanha. A expansão comercial para outros países europeus exige, no entanto, investimentos adicionais, que são difíceis de obter para empresas relativamente recentes na bioeconomia, uma vez que não possuem os antecedentes necessários para atrair empréstimos bancários e os investidores de capital de risco preferem concentrar-se noutros setores.

É aqui que entra o Fundo Europeu para a Bioeconomia Circular. Prestes a mobilizar 250 milhões de EUR para a bioeconomia e a bioeconomia circular, o Fundo investe em empresas em fase de arranque com tecnologias comprovadas que necessitam de financiamento para intensificarem a sua atividade e se expandirem para mercados mais amplos. **A bioeconomia e a bioeconomia circular são elementos fundamentais para tornar a economia mais sustentável e para proteger o ambiente. A bioeconomia reduz a nossa dependência dos recursos naturais, ao promover produtos sustentáveis que usam recursos biológicos renováveis (como os tremoços) para produzir alimentos, materiais e energia.**

O Fundo Europeu para a Bioeconomia Circular teve origem num estudo de 2017 realizado pelo serviço InnovFin Aconselhamento do BEI, com o apoio da Comissão Europeia. O estudo identificou uma lacuna importante no financiamento de empresas da bioeconomia que precisavam de expandir a sua produção e distribuição. O relatório recomendava a constituição de um fundo de capital para apoiar as empresas em fase de crescimento. O Banco Europeu de Investimento e a Comissão Europeia escolheram então um consultor de investimento, que criou o Fundo Europeu para a Bioeconomia Circular. «A bioeconomia e a bioeconomia circular continuam a ser consideradas como um setor embrionário», declara Yicui Sun, responsável pelo investimento do BEI no Fundo. «A garantia da Comissão Europeia facilita a mobilização de investidores privados para preencher esta lacuna.»

**Desde que, em outubro, terminou o primeiro período de subscrição com 82 milhões de EUR, o Fundo tem vindo a suscitar grande interesse por parte de investidores privados e públicos, encontrando-se já bem encaminhado para as próximas subscrições. «Isso dará um forte impulso a este setor de atividade na Europa», prevê Felipe Ortega Schlingmann, chefe da Divisão de Agroindústria e Desenvolvimento Rural do BEI. «O potencial de crescimento é enorme.»**

# SUSTENTABILIDADE NO ESPAÇO

**Uma empresa sediada nas margens do lago de Como constrói estruturas de transporte de satélites para recolher dados sobre as alterações climáticas a partir do espaço e para limpar a órbita da Terra, removendo detritos acumulados durante décadas**

Os satélites ajudam as populações e as equipas de socorro quando as redes terrestres são danificadas por catástrofes naturais, nomeadamente furacões e sismos. Em caso de pandemia, permitem ligar, por via digital, os doentes em isolamento ou aqueles que vivem em zonas rurais aos profissionais de saúde. Além disso, fornecem dados importantes para monitorizar os perigos associados ao aquecimento global – e os nossos progressos a combatê-lo.

Por outro lado, os satélites também produzem lixo espacial. Depois de cumprirem a sua missão, os pequenos satélites são trazidos de volta à Terra para serem queimados na atmosfera. Os satélites maiores são redirecionados para cemitérios de naves espaciais nos oceanos ou mantidos em órbitas-cemitério controladas. Está na altura de encontrar uma solução para o aumento dos detritos espaciais.

**A D-Orbit, uma empresa do New Space com sede próxima do lago de Como, em Itália, é pioneira na área da economia espacial sustentável e da logística espacial.** «Muitos dos nossos clientes são operadores de serviços de observação terrestre, que fornecem dados e informações sobre a meteorologia, a poluição, a silvicultura e agricultura, os oceanos, a erosão costeira e as infraestruturas críticas», explica Luca Rossettini, diretor-geral e fundador da D-Orbit. «O espaço representa uma oportunidade para as nossas sociedades, indústrias e instituições de investigação.»

Em outubro de 2020, a D-Orbit lançou o seu primeiro porta-satélites ION a bordo do foguetão europeu Vega a partir do Centro Espacial na Guiana Francesa, tendo conseguido colocar com sucesso 12 pequenos satélites SuperDove da Planet destinados à obtenção de imagens da Terra. A estrutura de transporte de satélites ION (In Orbit Now), desenvolvida pela D-Orbit, beneficia de um empréstimo de 15 milhões de EUR do Banco Europeu de Investimento. O financiamento faz parte de um Protocolo de Acordo celebrado entre o Banco Europeu de Investimento e a Agência Espacial Europeia em 2018.

### Microssatélites e nanosatélites

A D-Orbit comanda as suas missões de transporte de satélites a partir da sua sede junto ao lago de Como. As estruturas de transporte estão preparadas para serem lançadas pelos mais diversos foguetões disponíveis no mercado. Trata-se de uma espécie de táxi espacial capaz de albergar vários nanosatélites ou microssatélites. Cada um destes «CubeSats» em miniatura pesa escassos quilogramas. Também podem transportar outros tipos de carga útil, tais como tecnologias desenvolvidas por *start-ups*, institutos de investigação e empresas espaciais que precisam de testar e validar uma tecnologia no espaço antes de poderem comercializá-la.

«A estrutura de transporte de satélites ION é uma solução inovadora para ajudar os pequenos operadores de satélites a testar as suas tecnologias no espaço e para acelerar a comercialização de novos serviços por satélite», afirma Christian Kohr, engenheiro-chefe da Divisão de Infraestrutura Digital do BEI, que colaborou no empréstimo concedido à D-Orbit. Anders Bohlin, economista-chefe do BEI responsável pelo projeto, acrescenta: «**Com o seu conceito ION, a D-Orbit é líder da inovação neste setor.**»

# AÇO ECOLÓGICO, AÇO CIRCULAR

As indústrias de elevada intensidade energética são responsáveis por 15 % das emissões mundiais de CO<sub>2</sub>. A gigante siderúrgica ArcelorMittal está a desenvolver uma tecnologia inovadora de descarbonização do aço que reduz as emissões de CO<sub>2</sub>, transformando-as em combustível útil.

O aço é produzido a partir de ferro-gusa, extraído do minério de ferro através de um processo de redução química em altos-fornos a carvão. Durante este processo, são libertadas grandes quantidades de gases com efeito de estufa (CO e CO<sub>2</sub>). Na Europa, os produtores de aço capturam estes subprodutos gasosos, transformando-os em eletricidade e calor útil. Mas o CO<sub>2</sub> acaba por ser libertado para a atmosfera.

“ Este financiamento não teria sido possível sem o apoio prestado pela Comissão Europeia através do InnovFin. ”

**As fábricas siderúrgicas integradas constituem, por isso, uma área fundamental para a descarbonização. A grande produtora de aço ArcelorMittal Belgium está a aplicar, pela primeira vez, uma tecnologia inovadora e única no mundo em termos de escala e grau de complexidade.** O projeto enquadra-se no roteiro da ArcelorMittal Europe para a redução das emissões de carbono, que visa diminuir as emissões em 30 % até 2030 e alcançar a neutralidade carbónica até 2050.

A instalação captura os efluentes gasosos ricos em CO e CO<sub>2</sub> emitidos pelos altos-fornos e transforma-os em etanol através de um processo de fermentação do gás com recurso a micróbios. Esta tecnologia denominada «Carbalyst» foi desenvolvida pela empresa norte-americana LanzaTech, que é parceira da ArcelorMittal há uma década. «Acreditamos que, enquanto empresa produtora de materiais, temos de apostar na economia circular e desenvolver processos "cradle to cradle", que consomem menos recursos primários e nos permitem reduzir as emissões de carbono», explica Carl De Maré, diretor de estratégia tecnológica do Grupo ArcelorMittal. **«O aço e demais resíduos têm de ser reciclados, e o alto-forno é uma excelente ferramenta para o efeito.»**

O projeto comporta ainda uma segunda fase. Uma vez que o carbono é atualmente usado nos altos-fornos como insumo sob a forma de carvão mineral, a empresa tenciona substituí-lo, em parte, por biocarvão produzido a partir de resíduos de madeira tratados. Esta substituição de carvão fóssil por um carbono circular constitui já um primeiro passo no sentido da transição ecológica.

«Trata-se de um processo típico de captura e utilização de carbono», explica Carl De Maré. «O alto-forno está no centro do processo. Este projeto intervém não só no final do processo, produzindo etanol a partir dos subprodutos, como também no início, com a torrefação de carbono proveniente de fontes naturais. O resultado da combinação de ambas as inovações é o denominado bioetanol, ou seja, etanol produzido com carbono de origem biológica. E assim se fecha o ciclo do carbono.»

## Financiar a inovação: da teoria à prática

Este é o tipo de inovação tecnológica em que não existem certezas e nada é simples. Além disso, requer um investimento substancial em novas fábricas, equipamentos e maquinaria. O financiamento de semelhante empreendimento constitui, por isso, um desafio.

“ **Estamos a assumir um risco tecnológico, mas queremos apoiar este setor.** ”

Em maio de 2020, o Banco Europeu de Investimento assinou um empréstimo de 75 milhões de EUR com a ArcelorMittal Belgium ao abrigo do Mecanismo de Financiamento da Comissão Europeia InnovFin – Projetos de Demonstração no setor da Energia, para cofinanciar a construção das novas instalações. «Este é um sistema inovador interessante, mas difícil de aplicar», afirma Senso Figaredo Pire, o gestor de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento que fechou esta operação complexa. «Contribui para a economia circular e produz um etanol ecológico, que pode ser usado como combustível ou matéria-prima em múltiplos processos químicos.»

«Este financiamento não teria sido possível sem o apoio prestado pela Comissão Europeia através do InnovFin», acrescenta Senso Figaredo Pire. «Trabalhámos em estreita cooperação com a Comissão Europeia. Este projeto pode agora representar um importante passo em frente na transição ecológica da indústria siderúrgica.»

A tecnologia começará a ser aplicada na unidade da ArcelorMittal em Gante, com o objetivo de usar 15 % dos subprodutos gasosos para a produção de etanol, em vez de eletricidade. Mas a ArcelorMittal pretende substituir, de forma progressiva e definitiva, as suas centrais elétricas internas por sistemas de transformação de efluentes gasosos em etanol ou, no futuro, noutros produtos químicos de base.

Dada a menor quantidade de eletricidade produzida com os subprodutos gasosos do carbono, a ArcelorMittal poderá passar a celebrar contratos de aquisição de eletricidade com produtores de energias renováveis, apoiando assim indiretamente o desenvolvimento das energias renováveis. De acordo com os planos da empresa, até 2025, cinco destas centrais deverão estar em funcionamento na Europa e no resto do mundo.

### **Melhor do que carbono reciclado, só carbono ecológico reciclado!**

O projeto é viável do ponto de vista económico, porque existe uma grande procura de etanol, que é também mais fácil de armazenar e transportar do que a eletricidade. O etanol tem variadíssimas aplicações. Misturado com gasolina, pode ser usado como combustível. Também pode ser convertido em etileno, um componente básico no processo de produção de plástico, contribuindo assim para a economia circular.

«Este investimento preserva postos de trabalho ao manter a indústria siderúrgica na Europa, onde necessitamos de pessoal altamente qualificado para projetar e operar estas instalações», afirma Marc Tonteling, engenheiro do Banco Europeu de Investimento.

Com a combinação de dois processos inovadores, a empresa pretende produzir 80 milhões de litros de bioetanol, o que corresponde ao combustível consumido em 600 voos de Nova Iorque a Londres. A ArcelorMittal estima obter poupanças de CO<sub>2</sub> equivalentes às emissões anuais de 350 000 automóveis.

«Gostei de ver o entusiasmo e empenho com que o pessoal em Gante se esforça por tornar este projeto um sucesso», comenta Marc Tonteling. «Estamos a assumir um risco tecnológico, mas queremos apoiar este setor. Se for bem sucedido, este projeto poderá incentivar a produção mais alargada de produtos à base de carbono circular, como sejam o biocarvão, os combustíveis à base de carbono reciclado, o bioetanol e muitos outros.»

# SEGREDOS POR REVELAR

## Na Grécia, uma nova infraestrutura deverá fornecer dados sobre as alterações climáticas, considerados essenciais para o estudo do aquecimento global e a previsão de catástrofes naturais

O sudeste do Mediterrâneo é um laboratório natural que pode ajudar os cientistas a observar e prever as alterações climáticas à escala mundial. No entanto, até à data, esta região não tem sido suficientemente estudada.

Para colmatar esta lacuna, dois dos principais centros de investigação públicos da Grécia decidiram construir uma infraestrutura e equipamentos para a medição do ar e a exploração das águas, desde a camada superior da atmosfera até mais de 5 000 metros abaixo do nível do mar, na zona mais profunda do Mediterrâneo que, por sinal, se situa na Grécia.

O Observatório Pan-Helénico de Geofísica de Anticítera (PANGEA) está a ser instalado pelo Observatório Nacional de Atenas na pequena ilha praticamente deserta de Anticítera, localizada entre Creta e Peloponeso. «O projeto PANGEA representa um grande avanço na medição dos parâmetros atmosféricos e na criação de modelos climáticos para o sudeste do Mediterrâneo», afirma o professor Manolis Plionis, presidente do Observatório. «A região do Mediterrâneo é uma zona sensível às alterações climáticas. **Os dados obtidos permitir-nos-ão compreender a evolução das alterações climáticas nos próximos anos** e as suas consequências para a sociedade e a economia.»

Entretanto, o Centro Helénico de Investigação Marinha prepara-se para construir um novo navio de investigação oceanográfica para substituir o seu antecessor que, após 35 anos de serviço, chegou ao fim da sua vida útil. O novo navio permitirá explorar não só as águas costeiras pouco profundas como as profundezas do mar. Com 70 metros de comprimento e 16 metros de boca, levará a bordo laboratórios polivalentes, e nos seus amplos conveses abertos poderão ser instalados contentores com laboratórios móveis facilmente substituíveis. O navio torna-se, assim, uma plataforma versátil para um amplo leque de missões científicas e de outra natureza.

«O Mediterrâneo tem uma importância crucial para as alterações climáticas, porque funciona como um **oceano em miniatura** que reage rapidamente à variabilidade do clima. As suas águas escuras e inexploradas ainda têm muitos segredos por revelar», observa o Dr. Aris Karageorgis, presidente do Centro. «Um novo navio sólido equipado com tecnologia de vanguarda pode ajudar-nos não só a **explorar melhor as águas do Mediterrâneo** e o seu fundo marinho, como também a prever fenómenos que poderão vir a ocorrer nos mares abertos em consequência das alterações climáticas.»

### Infraestrutura grega para dar resposta ao desafio global das alterações climáticas

A estação PANGEA procederá à monitorização contínua de variáveis climáticas essenciais e da atividade geofísica e transmitirá dados de monitorização certificados, em tempo real, para a comunidade científica. O objetivo consiste em estudar desafios como as alterações climáticas e o seu impacto nos fenómenos meteorológicos extremos e nas catástrofes naturais na Grécia e no Mediterrâneo oriental, bem como em monitorizar a atividade sísmica. Este é, aliás, um aspeto importante para o sudeste do Mediterrâneo, uma região que, apesar da intensa atividade tectónica, não tem sido suficientemente monitorizada até à data.

O navio constitui, por sua vez, uma nova infraestrutura numa frota oceanográfica mundial envelhecida que, de acordo com o Dr. Aris Karageorgis, pode «curar a oceanografia».

**No plano científico, os projetos permitirão a recolha constante de variáveis climáticas essenciais na atmosfera e no mar para alimentar os modelos climáticos. Com modelos climáticos fiáveis, é possível efetuar melhores observações e previsões mais exatas sobre as alterações climáticas. Os dados ajudarão os cientistas a compreender melhor a evolução do clima e a distinguir as alterações climáticas naturais daquelas induzidas pela ação humana.** Na área da investigação marinha, a observação da evolução dos organismos vivos, como, por exemplo, o estudo das espécies alóctones provenientes de águas tropicais devido à subida da temperatura da água do mar, permitirá uma melhor preservação da biodiversidade.

### Impacto na sociedade grega e combate à fuga de cérebros

O projeto também terá repercussões positivas para a sociedade grega. **Com a ajuda dos dados recolhidos pela estação PANGAEA, as autoridades gregas de proteção civil poderão prever catástrofes naturais e, eventualmente, prevenir as suas consequências mais graves.** Além disso, a infraestrutura constituirá uma oportunidade para a Grécia ganhar mais prestígio na área da investigação. «A Grécia não costuma ser muito competitiva no plano da investigação», constata Martin Humburg, economista do Banco Europeu de Investimento. «Estes projetos mostram que a Grécia tem excelentes investigadores com visão de futuro, que apenas carecem do apoio e das infraestruturas que lhes permitam usar os seus conhecimentos e as suas capacidades para competir com os outros.»

O professor Plionis acrescenta que «o projeto PANGAEA terá importantes benefícios para a sociedade, nomeadamente a inversão do declínio populacional em Anticítera e a melhoria do transporte marítimo costeiro nesta região fronteiriça».

**Em julho de 2020, o Banco Europeu de Investimento, o Banco do Clima da UE, assinou um empréstimo no montante máximo de 57,5 milhões de EUR com o Estado helénico para financiar a construção e o equipamento do Observatório de Geofísica em Anticítera, bem como o novo navio oceanográfico.** O calendário de execução destes projetos é de cinco a seis anos.

O financiamento para projetos científicos é escasso, sobretudo no contexto de austeridade em que a Grécia tem vivido desde a crise financeira, explica Costas Kargakos, o gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento que acompanhou o projeto. **«A operação apoia os esforços do Governo grego para promover o investimento em infraestruturas de investigação estratégicas e visa contribuir para a mitigação das alterações climáticas e a adaptação aos seus efeitos, uma prioridade máxima do Banco e da União Europeia.»**

“ **Os dados obtidos permitir-nos-ão compreender a evolução das alterações climáticas nos próximos anos e as suas consequências para a sociedade e a economia.** ”

# UM PLANO PARA A VIDA

O planeamento urbano tem de se adaptar às necessidades dos cidadãos durante uma pandemia, além de tornar as cidades mais verdes e resistentes às alterações climáticas. Barcelona aponta-nos o caminho.

**B**arcelona esforça-se por reduzir a poluição e, ao mesmo tempo, criar espaços de habitação para fixar a população jovem e facilitar a vida aos idosos que vivem sozinhos. «Barcelona tem uma estratégia muito clara», declara Alex Saz-Carranza, gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento. «As prioridades do novo plano para a cidade são a mobilidade, a eficiência energética e a coesão social, que ajudarão a cidade a preparar-se para o futuro, bem como a vencer a pandemia de COVID-19.»

**Nos últimos anos, o impacto das alterações climáticas tem sido um fator importante para o planeamento urbano, mas a pandemia trouxe novos desafios, especialmente para o setor da saúde e as condições de vida em cidades densas. As pessoas têm de poder socializar nos espaços públicos com distanciamento seguro.** O Banco Europeu de Investimento aprovou um empréstimo de 95 milhões de EUR, em 2020, para ajudar a cidade de Barcelona a realizar cerca de 40 projetos orientados para a ação climática e a melhoria da vida urbana.

Um quarto do empréstimo destina-se à reabilitação de aproximadamente 200 000 metros quadrados de terrenos e à criação de «super-quarteirões», onde os moradores podem circular livremente, usufruir dos espaços públicos para atividades de lazer e trabalhar com maior facilidade. Os peões passam a ter prioridade em muitas zonas da cidade. Nas zonas de trânsito condicionado, o limite de velocidade será de 10 km/hora. Todos os novos edifícios serão projetados de modo a produzir emissões quase nulas. Novas linhas de autocarros e ciclovias convencerão as pessoas a manterem os seus carros longe das ruas da cidade, reduzindo assim as emissões. Será ainda dinamizado um programa de plantação de árvores. O resultado será uma cidade mais resiliente às alterações climáticas, que também ajudará os habitantes a cumprir as regras de distanciamento social.

## Zonas de trânsito proibido

Ao longo dos últimos oito anos, o Banco investiu mais de 150 000 milhões de EUR na construção de cidades melhores. **O projeto de Barcelona é semelhante a outra operação de financiamento de 201 milhões de EUR, também aprovada em 2020, que visa ajudar a cidade de Milão a melhorar a eficiência energética dos seus edifícios, a facilitar a circulação dos munícipes, tanto a pé como de transportes públicos, a criar mais espaços verdes e a promover a recuperação económica pós-pandemia.**

O plano climático de Barcelona apela a uma redução drástica das emissões de gases com efeito de estufa, do consumo de água e da pobreza. A cidade pretende alcançar a neutralidade carbónica até 2050. «Os cidadãos de Barcelona são muito proativos e têm uma longa tradição de participação», afirma Leonor Berriochoa, engenheira sénior da Divisão de Desenvolvimento Urbano do Banco Europeu de Investimento. «Existe uma grande participação do público nas questões climáticas e sociais. As pessoas gostam de contribuir e dar a sua opinião para tornar a cidade mais animada.»

# PACTO ECOLÓGICO EM MOVIMENTO

**Na Polónia, uma alteração legislativa impulsionou as energias renováveis, atraindo investidores internacionais e preparando o caminho para a transição ecológica**

**A**o longo de uma faixa de 50 km na costa do mar Báltico, na Polónia, estão a ser construídas 29 turbinas eólicas. As suas altas torres brancas ficam sobranceiras às colinas pitorescas habitadas por alces, veados e coelhos. Quando estiverem concluídas, produzirão eletricidade limpa suficiente para abastecer 138 000 habitações polacas. «Estou muito orgulhosa do nosso parque eólico, pois é a prova de que a natureza e a produção de eletricidade podem existir lado a lado», conta Diana Kazakevic, responsável pela região da Polónia no Grupo Ignitis, a empresa de energia da Lituânia, cotada nas bolsas de Vilnius e Londres, que está a construir o parque eólico. «Na Polónia, a produção de eletricidade tem prejudicado frequentemente a natureza.»

Os parques eólicos da Ignitis na Pomerânia fazem parte de uma nova tendência a favor da energia limpa na Polónia, um país que continua a produzir quase toda a sua eletricidade com recurso a carvão poluente. **Em 2020, o Banco Europeu de Investimento assinou três empréstimos para parques eólicos na Polónia, além de uma operação de energia solar.** «A Polónia está a sofrer alguma pressão devido às alterações climáticas», refere Roland Schulze, consultor em matéria de tecnologias energéticas com baixas emissões de carbono no Banco. «O Banco Europeu de Investimento está na linha da frente para ajudar a Polónia a transformar o seu setor energético.»

**O investimento em energias renováveis tornou-se mais atrativo na Polónia há dois anos, quando o Governo alterou a legislação aplicável aos contratos de energia.** Ao abrigo da nova legislação, as empresas apresentam a sua proposta com base no preço a que pretendem comercializar a eletricidade. Se o preço de mercado baixar, a tarifa proposta continua garantida. Se o preço aumentar, têm de pagar a diferença ao Estado.

### Novas operações no setor das energias renováveis na Polónia

O projeto da Ignitis foi uma das primeiras operações concluídas ao abrigo da nova legislação. O financiamento do Banco Europeu de Investimento, que emprestou quase 60 milhões de EUR para o projeto, veio mostrar «que temos parceiros com uma agenda de sustentabilidade ecológica», diz Diana Kazakevic da Ignitis. À semelhança das outras quatro operações na área das energias renováveis que o BEI realizou na Polónia em 2020, o empréstimo beneficia da garantia do Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos.

A tendência que começa a surgir na Polónia poderá ser crucial para o Pacto Ecológico Europeu. No seu plano para combater as alterações climáticas, anunciado em 2020, a Comissão Europeia compromete-se a atingir emissões líquidas nulas de gases com efeito de estufa na Europa até 2050. Mas o Pacto Ecológico também pretende garantir que as regiões atualmente dependentes dos combustíveis fósseis não fiquem para trás na transição para as tecnologias limpas. Isso é importante para a Polónia, atendendo ao peso da sua indústria do carvão.

«Estamos a assistir ao Pacto Ecológico em movimento», conclui Vincent Metzler, especialista do BEI na área do financiamento de projetos. «Este setor requer muitas infraestruturas, o que é bom para o emprego. Por isso, faz todo o sentido para uma transição justa.»

## SOLUÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO

# A VISÃO GLOBAL

Ao colocarmos as pessoas, os direitos humanos e a inclusão social no centro dos esforços em prol do desenvolvimento, maximizamos as oportunidades e vantagens para todos. Se for bem direcionado, o investimento pode ajudar na transição ecológica e contribuir para o desenvolvimento social. Por isso, o BEI investe em projetos que promovam uma abordagem inclusiva à transição para a neutralidade carbónica e reforcem a resiliência das comunidades mais afetadas pelas alterações climáticas na União Europeia e no resto do mundo. Ao atender, respeitar e promover um amplo conjunto de direitos humanos, nomeadamente dos povos indígenas, das comunidades locais, dos migrantes, das mulheres e das crianças, através das suas normas ambientais e sociais e políticas relevantes, o BEI continuará a garantir a eficácia, o impacto e a sustentabilidade das suas operações.

**Yasmine Pagni, chefe da Unidade de Política Social, Direção de Projetos**

Em termos globais, o setor do microfinanciamento foi gravemente afetado pelo impacto económico da pandemia de COVID-19. Para proteger as microempresas, muitas entidades reguladoras nacionais deram ordens às instituições de microfinanciamento (IMF) para adiarem todos os reembolsos em dívida dos clientes, o que levou à deterioração das carteiras de empréstimos e causou restrições de liquidez devido à falta de fluxos financeiros. O apoio contínuo que o BEI presta às IMF através de financiamentos de longo prazo assume particular importância nesta situação. Após a crise da COVID-19, o nível de financiamento necessário para apoiar a recuperação de economias geralmente assentes em pequenas e microempresas poderá ser ainda maior do que antes.

**Milena Messori, chefe da Divisão de Financiamento de Capital Próprio e Microfinanciamento fora da UE, Direção de Operações**

Na Tunísia, tal como noutros países parceiros, o BEI respondeu rapidamente à crise da COVID-19, financiando a aquisição de equipamento médico e flexibilizando as condições dos empréstimos já concedidos. Parte de um empréstimo em curso destinado à reabilitação do parque escolar foi reafetada à aquisição de equipamento de proteção para professores e alunos em todo o país. O BEI prosseguiu também os seus esforços com vista à melhoria das condições de vida da população tunisina, tendo financiado infraestruturas hídricas urgentemente necessárias e um projeto de mobilidade urbana na área metropolitana de Túnis, onde vive um quarto da população.

**Jean-Luc Revéreaux, chefe do Gabinete do BEI em Túnis, Secretariado-Geral**

## SOLUÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO

Como diz um provérbio africano: «Se quiseres ir depressa, vai sozinho. Se quiseres ir longe, vai acompanhado.» O BEI tem-se esforçado por estabelecer parcerias – não só com os Estados-Membros da UE e as suas instituições de desenvolvimento, como também com instituições financeiras internacionais, governos e empresas privadas em todo o mundo. Todas estas parcerias se juntam agora ao nosso parceiro natural, a Comissão Europeia, no âmbito da Equipa Europa para fazer face à COVID-19. Mas, mesmo perante a situação atual, não nos podemos esquecer dos desafios já existentes que a crise irá exacerbar: as alterações climáticas, a desigualdade de género e outras desigualdades, bem como o desemprego, especialmente entre os jovens. Temos de continuar a focar-nos nestes desafios e explorar novas formas de ir mais longe e de inovar a nossa abordagem.

**Catherine Collin**, chefe do Gabinete Regional para a África Oriental, Nairóbi, Secretariado-Geral

A pandemia de COVID-19 não conhece fronteiras e, como tal, o seu impacto económico e social sem precedentes faz-se sentir em todo o mundo. Os países do alargamento e os países vizinhos nossos parceiros foram gravemente afetados. Na qualidade de banco da UE, o BEI assume um papel especial na ajuda aos nossos vizinhos para dar resposta às vastas consequências da pandemia. Desde o início da atual crise que o BEI, em estreita cooperação com a Comissão Europeia e enquanto membro da iniciativa Equipa Europa, tem ajudado a reforçar os sistemas de saúde e apoiado as comunidades empresariais, além de contribuir para a modernização das infraestruturas básicas.

**Flavia Palanza**, diretora, Países Vizinhos, Direção de Operações

O BEI apoiou centrais solares fotovoltaicas do setor privado no Senegal, na Zâmbia e no México, bem como parques eólicos na Mongólia, no Quênia e na Jordânia. Enquanto Banco do Clima da UE, continuaremos a promover a distribuição de energia limpa e acessível nos mercados emergentes. Os projetos de energias renováveis do setor privado são geralmente financiados com base em operações de *project finance* com recursos limitados. Desde 2015, estas operações representam mais de 90 % do total de empréstimos de *project finance* concedidos pelo BEI no exterior da União Europeia.

**Paloma Perez de Vega**, chefe da Divisão de *Project Finance* – Parceiros Internacionais e Países Vizinhos, Direção de Operações

Qualquer crise é também uma oportunidade. A pandemia de COVID-19 e as consequentes restrições às viagens mostraram-nos o enorme valor das nossas equipas de ação externa que continuam a crescer nos quase 30 gabinetes espalhados pelos cinco continentes. Apesar dos desafios atuais, continuamos presentes no terreno a cumprir a nossa missão com eficiência e eficácia.

**Ulrich H. Brunnhuber**, chefe da Divisão de Representação nos Países da Ação Externa, Secretariado-Geral

# ALÍVIO RÁPIDO

A COVID-19 representa um sério desafio para o sistema de saúde marroquino. A ação financeira rápida do BEI ajuda a combater a crise – e a treinar os profissionais de saúde para melhorar a qualidade de vida em todo o país.

No Centro Hospitalar Universitário (CHU) Ibn Rochd em Casablanca há cada vez mais camas ocupadas por doentes com COVID-19. O professor Kamal Marhoum El Filali, diretor do serviço de doenças infecciosas, afirma que o hospital «está a conseguir gerir» a afluência. Mas se o número de internamentos continuar a aumentar, avisa, o hospital poderá ficar rapidamente sem camas disponíveis nas unidades de cuidados intensivos e reanimação. «As dificuldades são cada vez maiores», refere o Dr. Marhoum.

**A atuação do Governo marroquino foi decisiva para conter a pandemia na primavera, quando colocou todo o país em confinamento e proibiu o turismo e outras viagens. Mas, tal como muitos outros países, Marrocos enfrentou uma segunda vaga gigantesca de infeções.** Em meados de novembro, o país registava aproximadamente 5 000 casos diários e cerca de 80 óbitos. Nessa altura, mais de 320 000 dos 37 milhões de habitantes do país tinham contraído a doença, causando cerca de 5 000 vítimas mortais. O sistema de saúde estava prestes a colapsar.

“ A urgência e a pressão eram enormes, porque sabíamos que estávamos literalmente a salvar vidas. O tempo era essencial. ”

O CHU só aceita casos graves de COVID-19, ou seja, aqueles que necessitam de cuidados intensivos ou de reanimação, e os seus próprios colaboradores infetados com o vírus. Um dos maiores problemas do hospital, explica o Dr. Marhoum, é a gestão do crescente número de profissionais de saúde que adoeceram ou foram expostos ao vírus e, por isso, têm de ficar em isolamento durante 14 dias. «**Já temos falta de pessoal**», comenta. «**Trata-se de um enorme problema organizacional.**»

## Encarar uma pandemia

Quando Marrocos entrou em confinamento, na primavera, o país registava apenas 77 casos de infeção pelo coronavírus. No entanto, o Governo tinha visto o vírus dizimar partes de Espanha, e os funcionários sabiam que o sistema de saúde do país não tinha recursos suficientes para resistir a semelhante chacina. «Se tivéssemos atingido os mesmos níveis da Europa, teríamos sido esmagados», lembra o Dr. Marhoum.

Graças às medidas drásticas, Marrocos conseguiu manter o número de mortes a um nível baixo. Na primeira vaga, a taxa de letalidade – o número de mortes em relação ao total de infeções – foi uma das mais baixas do mundo. Tal como noutras regiões de África, a baixa taxa de mortalidade é atribuída ao facto de Marrocos ter uma população jovem.

Com o confinamento, o Governo também ganhou tempo precioso para criar instalações de testagem, *websites* e linhas telefónicas para comunicar com o público. O Governo colaborou com organizações internacionais, nomeadamente com a Organização Mundial de Saúde, no sentido de aperfeiçoar a sua resposta à pandemia e angariou fundos urgentemente necessários junto de financiadores internacionais, incluindo o **Banco Europeu de Investimento, que concedeu um empréstimo de 200 milhões de EUR para equipamentos médicos, formação e outras medidas de reforço do sistema de saúde. Graças a estes esforços, o frágil sistema de saúde do país e os seus 9 200 médicos do setor público foram poupados a graves pressões.**

# SOLUÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO

## Contacto permanente

O confinamento em Marrocos começou exatamente uma semana depois de Hervé Guenassia, gestor de empréstimos sénior do BEI e responsável pelas relações com Marrocos, ter regressado de Casablanca ao Luxemburgo. Manteve-se em contacto permanente com as autoridades marroquinas para acompanhar a evolução da pandemia. Assim, o Banco respondeu rapidamente ao pedido de ajuda recebido em março. O empréstimo de 200 milhões de EUR do BEI serviu para custear dispositivos, materiais e equipamentos médicos. As condições flexíveis do empréstimo permitem que Marrocos utilize o dinheiro para quaisquer aquisições de produtos de saúde relacionados com a COVID-19 efetuadas desde fevereiro de 2020, podendo os funcionários apresentar as respetivas provas de compra retroativamente. O empréstimo também permite financiar até 90 % do custo do projeto, um valor significativamente superior ao limite normal de 50 %.

O dinheiro chegou a Marrocos em tempo recorde: em apenas um mês, foram desembolsados 100 milhões de EUR. «A urgência e a pressão eram enormes, porque sabíamos que estávamos literalmente a salvar vidas», recorda Hervé Guenassia. «O tempo era essencial.»

**Hervé Guenassia usou o empréstimo a Marrocos como ponto de partida para criar um mecanismo de financiamento mais abrangente – o Empréstimo Programático para os Cuidados de Saúde Pública COVID-19 nos Países Vizinhos – para ajudar os vizinhos da UE na Europa Oriental, no Médio Oriente e no Norte de África a enfrentar a crise. O Conselho de Administração do BEI aprovou o novo empréstimo programático com celeridade, no prazo de um mês. Este empréstimo tornou-se possível graças à Equipa Europa, uma iniciativa de 36 000 milhões de EUR destinada a ajudar os países parceiros da UE a lidar com a pandemia através da combinação de recursos da Comissão Europeia, dos Estados-Membros, do Banco Europeu de Investimento e do Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento.**

## Aproveitar o apoio internacional

Marrocos é um dos países africanos mais afetados pelo coronavírus. Anna Barone, chefe da Representação do BEI em Marrocos, informa que a pandemia pôs a descoberto grandes lacunas no sistema de cuidados de saúde do país: infraestruturas hospitalares inadequadas, falta de pessoal médico com formação e grandes disparidades na cobertura dos cuidados de saúde. No início da crise, Marrocos tinha um dos mais baixos rácios de camas hospitalares por habitante na região, com apenas 1,1 camas por cada 1 000 pessoas. A despesa pública total em cuidados de saúde também é reduzida na região, com cerca de 160 USD ao ano por pessoa, acrescenta.

Embora a falta de infraestruturas continue a ser um desafio tremendo, no curto prazo, Marrocos conseguiu dar uma resposta eficaz à crise, tendo aproveitado com sucesso os recursos financeiros e conhecimentos disponibilizados pela comunidade internacional. O país duplicou o número de camas em cuidados intensivos para cerca de 3 000. Foram criados centros de testagem e, a cada dia que passa, vão abrindo novos. Os empréstimos do BEI e de outros mutuantes ajudaram a financiar materiais, equipamentos e tratamentos médicos que eram urgentemente necessários.

Um desafio bem maior, porém, tem sido a constituição das equipas de profissionais de saúde qualificados necessárias para combater a pandemia. Faltam profissionais de saúde qualificados sobretudo nas zonas rurais, onde as infraestruturas são, por vezes, limitadas e existem barreiras geográficas difíceis de transpor, tais como as montanhas ou o deserto. «Podem ter todo o dinheiro do mundo, mas se não dispuserem de pessoal para distribuir as máscaras e realizar os testes laboratoriais, será complicado», explica Dana Burduja, economista principal do BEI especializada na área da saúde, que trabalha no projeto de Marrocos.

Marrocos tem cerca de um terço do número de médicos por 1 000 habitantes da vizinha Tunísia (0,54 por 1 000). Uma parte do empréstimo do BEI será utilizada para investimentos não materiais, nomeadamente no ensino de médicos e demais profissionais clínicos, bem como na formação de técnicos de saúde e administrativos nos hospitais.

### Um caminho sinuoso até aos cuidados universais

Em 2002, Marrocos lançou um plano para a criação de cuidados de saúde universais. Embora o caminho tenha sido longo e árduo, os resultados estão à vista. A esperança de vida em Marrocos é elevada e os indicadores-chave têm vindo a melhorar continuamente. A mortalidade infantil, por exemplo, foi reduzida para metade, de 42 óbitos por 1 000 nados-vivos em 2000 para 20 em 2017.

A mais recente iniciativa para alargar a cobertura dos cuidados de saúde reveste a forma de uma estratégia quinquenal, de 2017 até 2021, que visa melhorar os recursos hospitalares, alargar a cobertura médica aos trabalhadores independentes e profissionais liberais, aumentar o número de profissionais de saúde e uniformizar o ensino da medicina em Marrocos.

O Governo investiu fortemente nos seus planos. A despesa do Estado em saúde cresceu 10 % em termos nominais em 2019, enquanto o investimento global em cuidados de saúde, tanto no setor público como no privado, aumentou 40 %, de acordo com um estudo do Oxford Business Group.

A realidade, porém, é que os cuidados de saúde, especialmente os cuidados primários, continuam a não estar ao alcance de muitos marroquinos. Embora o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável n.º 3 das Nações Unidas exija o acesso universal, pelo menos, a cuidados de saúde básicos, o mesmo está vedado a grande parte dos habitantes de Marrocos, ou porque vivem em zonas rurais ou porque não estão cobertos pelo sistema de seguro público RAMED.

«Basicamente, ainda que no papel os pobres e vulneráveis tenham direito de acesso gratuito», explica Anna Barone, «esses serviços têm muitas insuficiências em termos de estrutura, recursos humanos e qualidade.»

### A crise como oportunidade de reforma

Anna Barone considera que a onda de apoio internacional que Marrocos recebeu durante a pandemia poderia dar o ímpeto necessário para resolver os aspetos ainda pendentes de uma melhoria no acesso aos cuidados de saúde. «Há que aproveitar a urgência desta crise para levar a cabo reformas que, em circunstâncias normais, demorariam muito mais tempo», acrescenta.

O Banco Europeu de Investimento também tem um papel a desempenhar neste contexto. Anna Barone refere que o Banco pode ajudar a reforçar a cooperação entre os diferentes serviços envolvidos na prestação de cuidados de saúde em Marrocos, disponibilizando conhecimentos especializados e assistência técnica. O banco da UE também pode contribuir para a renovação e construção de mais hospitais, especialmente nas zonas rurais.

A União Europeia e Marrocos estão a preparar uma nova agenda de cooperação para 2021-2027, que também poderá imprimir uma nova dinâmica às reformas. «Esta poderá ser a grande oportunidade de estabelecer prioridades para relançar a economia e apoiar a sociedade», adianta Anna Barone, «ao fazer da melhoria dos cuidados de saúde um pilar central da recuperação do país».

**“ Há que aproveitar a urgência desta crise para levar a cabo reformas que, em circunstâncias normais, demorariam muito mais tempo. ”**

# SALVAR OS SONHOS DOS JOVENS

**A educação pode sofrer um revés durante os confinamentos. Mas Marrocos e a Tunísia apressaram-se a garantir que nada faltasse aos estudantes para continuarem a aprender.**

**Q**uando a pandemia obrigou as escolas marroquinas a encerrar em março, a Universidade Euromed de Fez esforçou-se ao máximo para proporcionar aulas *online* aos seus estudantes. Mas o ensino à distância não foi fácil para muitos deles, como mostra o exemplo de Wafa Harir, que vive a cerca de 100 quilómetros a sul de Fez. «A ligação era lenta e instável; os *sites* iam-se abaixo», conta o estudante de engenharia digital e inteligência artificial. Pior do que isso, os dados móveis necessários para assistir às aulas *online* têm um custo elevado.

Wafa Harir e mais de 400 outros estudantes da universidade não dispunham de um portátil próprio nem de uma ligação fiável à Internet. A universidade submeteu um pedido especial de assistência, uma vez que o BEI e a União Europeia já haviam cofinanciado a construção das suas instalações. O Banco Europeu de Investimento e a Delegação da UE em Marrocos doaram 500 000 EUR da Comissão Europeia para ajudar os estudantes a trabalhar a partir de casa. **«A pandemia de COVID-19 mergulhou os estudantes na incerteza, desfazendo os seus sonhos», afirma Didier Bosman, engenheiro sénior do BEI. «O nosso objetivo não era restabelecer a normalidade, mas oferecer aos estudantes com mérito um novo normal onde pudessem aprender e singrar.»**

Algumas semanas após a doação da UE, 420 portáteis com acesso ilimitado à Internet foram entregues a estudantes que não dispunham de computadores e viviam em zonas remotas e com ligações insuficientes.

Esta operação teve como alvo raparigas que precisavam de um computador e de acesso à Internet. Nouhayla Chahm, de 21 anos, frequenta o quarto ano de engenharia civil. **«Estou grata à minha universidade e à União Europeia por me terem dado a coragem e a energia para seguir em frente»,** diz. Em virtude das suas excelentes classificações, Nouhayla Chahm pode ficar com o portátil durante três anos. A subvenção também permitiu comprar impressoras 3D para produzir máscaras reutilizáveis e filtros descartáveis para os estudantes e funcionários.

### Acabar com as dificuldades na Tunísia

A International School of Tunis está a ser alvo de obras de beneficiação ao abrigo de um plano de modernização de um terço das escolas secundárias do país. O projeto de 220 milhões de EUR é financiado pelo Governo tunisino, pelo BEI, pelo KfW da Alemanha e por uma subvenção da UE. Mas enquanto os alunos se preparavam para os exames finais, o Ministério da Educação da Tunísia teve de solicitar ajuda urgente devido à falta de material sanitário, nomeadamente máscaras e desinfetante para as mãos, para garantir a sua segurança.

Didier Bosman do BEI interveio uma vez mais. Ele sabia que o contrato de empréstimo do Banco para o projeto de modernização do parque escolar tinha terminado com um excedente imprevisto de 8 milhões de EUR, devido à depreciação do dinar tunisino. Propôs então ao Banco que uma parte desse saldo excedentário fosse utilizada para fornecer equipamentos sanitários urgentes às escolas da Tunísia. Em apenas uma semana, foram encomendadas 750 000 máscaras e 102 500 litros de gel desinfetante para 240 000 alunos, 160 000 professores e funcionários.

# SOLIDARIEDADE NA DISTRIBUIÇÃO DE VACINAS

Graças a uma iniciativa global pioneira para mitigar as repercussões económicas e sanitárias da pandemia, os países pobres terão acesso à vacina contra a COVID-19 em África

**N**inguém estará em segurança enquanto não estivermos todos em segurança, porque as doenças infecciosas não respeitam fronteiras. Para proteger todas as pessoas, é necessário que todos os países, sejam eles ricos ou pobres, tenham acesso à vacina contra a COVID-19.

É esta a missão da COVAX, uma iniciativa global pioneira liderada conjuntamente pela Aliança para as Vacinas GAVI, a Organização Mundial de Saúde e a Coligação para a Inovação na Preparação para Epidemias. Com o apoio do Banco Europeu de Investimento e da Comissão Europeia, a COVAX pretende garantir o acesso equitativo à vacina contra a COVID-19 em todas as economias.

“**Ao mesmo tempo que se erguiam barreiras por toda a Europa para travar a propagação da infeção, também se manifestava a vontade de ajudar a garantir um acesso equitativo às vacinas.**”

«Uma distribuição justa e equitativa das vacinas eficazes contra a COVID-19 é essencial para fazer face à pandemia e mitigar a situação dramática que se vive nos países em desenvolvimento», afirma Raffaele Cordiner, o gestor de investimentos do Banco Europeu de Investimento responsável pelo projeto. «O esforço conjunto do Banco Europeu de Investimento e da Comissão Europeia no âmbito da Equipa Europa realça a importância de uma abordagem multilateral à resolução de problemas globais de saúde. A Europa criou um instrumento financeiro inovador que revela o tipo de solidariedade humana que se impõe nesta situação de ameaça.»

**O BEI investiu 400 milhões de EUR no acordo prévio de aquisição da COVAX, o inovador instrumento de financiamento que irá apoiar a participação de 92 países de baixo e médio rendimento no mecanismo financeiro da COVAX. Este instrumento proporciona aos países beneficiários o acesso a doses de vacinas seguras e eficazes contra a COVID-19 financiadas por doadores. Com o apoio adicional à preparação dos países para a vacinação, liderado pela GAVI e pelos parceiros da**

**Aliança, a saber, a Organização Mundial de Saúde e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a COVAX irá garantir a proteção, a curto prazo, da população mais vulnerável em todos os países, independentemente do rendimento.**

Além de garantir o acesso justo a todos os países, a COVAX pretende acelerar o desenvolvimento e a produção de vacinas contra a COVID-19. Presta apoio à realização de campanhas de vacinação, nomeadamente à cadeia de abastecimento com temperatura controlada que é necessária para uma distribuição eficaz das vacinas.

# SOLUÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO

“ **Esta é uma crise sem precedentes, tendo em conta a natureza global e síncrona do seu impacto.** ”

## Missão de solidariedade

Perto de 100 economias autofinanciadas participantes contribuem financeiramente para a COVAX e congregam recursos para o desenvolvimento e a aquisição de vacinas. As contribuições financeiras dos doadores permitiram, entretanto, que 92 economias de baixo e médio rendimento participem no modelo. Aqui se incluem países da África Subsariana e da vizinhança meridional da UE onde, de outro modo, o custo das vacinas teria sido incomportável. «Esta operação destacou-se principalmente por ser uma missão de solidariedade», diz Anna Lynch, especialista na área das ciências da vida no Banco Europeu de Investimento, que acompanhou a operação COVAX. «Ao mesmo tempo que se erguiam barreiras por toda a Europa para travar a propagação da infeção, também se manifestava a vontade de ajudar a garantir um acesso equitativo às vacinas.»

Metade dos países com baixos rendimentos e um quarto dos países de rendimento médio correm um elevado risco de enfrentar graves consequências económicas devido à COVID-19. A Organização Mundial de Saúde estima que a pandemia possa vir a empurrar mais 132 milhões de pessoas em todo o mundo para situações de fome.

«Esta é uma crise sem precedentes, tendo em conta a natureza global e síncrona do seu impacto», declara Debora Revoltella, diretora do Departamento de Economia do BEI. «Afeta praticamente todos os países e regiões do mundo. Para a maioria destes países, este é um dos piores abalos ao crescimento de que há memória.»

## Igualdade de acesso às vacinas para ricos e pobres

Uma vacina constitui um dos melhores instrumentos para ultrapassar o impacto da pandemia na saúde e na economia.

A COVAX está a financiar o desenvolvimento de um conjunto de vacinas candidatas. Apoiar a produção de vacinas em grande escala e negocia os preços das vacinas com os fabricantes. Graças aos investimentos da COVAX, os fabricantes podem expandir imediatamente a sua capacidade de produção e começar a produzir a vacina ainda antes de ser autorizada, enquanto decorrem os ensaios clínicos de avaliação. Se a vacina for aprovada, essas doses ficarão logo disponíveis.

O objetivo da COVAX é garantir que todos os países possam ter acesso a doses de uma vacina segura e eficaz, praticamente ao mesmo tempo. Esta condição é essencial para controlar a pandemia e reduzir o seu impacto nas economias, nas comunidades, nas pessoas, no comércio e nas viagens.

Na fase aguda da pandemia, a prioridade da COVAX será garantir um abastecimento e recursos suficientes para disponibilizar a todas as economias vacinas que permitam proteger os grupos de maior risco — os profissionais de saúde e de ação social, os idosos e as pessoas com comorbilidades. As vacinas serão distribuídas de forma equitativa entre as economias autofinanciadas e as economias elegíveis para o acordo prévio de aquisição, com base no quadro de distribuição justa da OMS.

### **A união faz a força**

Os serviços do Banco Europeu de Investimento trabalharam «tão depressa quanto humanamente possível» para estruturar e assinar a operação COVAX, explica Raffaele Cordiner do BEI. «A cooperação e a rapidez, que foram notáveis, permitem-nos vencer a fase aguda da pandemia e reconstruir as economias.»

O empréstimo do Banco Europeu de Investimento beneficia de uma garantia da Comissão Europeia ao abrigo do Fundo Europeu para o Desenvolvimento Sustentável, que promove uma política proativa de ajuda ao desenvolvimento e apoia, principalmente, investimentos nos países da vizinhança da UE e na África. O empréstimo complementa o apoio de 100 milhões de EUR que a União Europeia prestou à COVAX.

Esta abordagem global da vacinação possibilitará a recuperação económica e social e reduzirá as hipóteses de um ressurgimento da doença. A COVAX mostra que a união faz verdadeiramente a força.

**“ A Europa criou um instrumento financeiro inovador que revela o tipo de solidariedade humana que se impõe nesta situação atual de ameaça. ”**

# A OUTRA AMEAÇA INFECCIOSA

**Uma empresa biomédica que está a desenvolver uma nova vacina para a tuberculose afirma que esta é crucial para os países em desenvolvimento**

**A** tuberculose tem sido uma emergência global nos últimos 30 anos. Estima-se que um quarto da população mundial sofra desta doença. Representa um grave problema nos países em desenvolvimento, onde a pobreza e a instabilidade política dificultam a execução de programas que permitam controlar a doença. Por outro lado, é ignorada pela maioria do setor biotecnológico.

Mas não por Leander Grode. «Estou a trabalhar na bactéria mais mortífera e, por conseguinte, na mais perigosa doença infetocontagiosa do mundo», afirma.

**Existe uma enorme necessidade de vacinas mais seguras e eficazes contra a tuberculose. A principal vacina usada atualmente, a BCG, tem cerca de 100 anos.** O Banco Europeu de Investimento assinou, em agosto, um empréstimo de 30 milhões de EUR com a Vakzine Projekt Management (VPM) de Leander Grode, para financiar a fase final da investigação da VPM1002, a nova vacina da empresa destinada a prevenir a tuberculose em bebés.

“ **Existe um verdadeiro défice de financiamento para a investigação clínica na área das doenças infecciosas.** ”

### Crucial para a África e o VIH

Apesar de terem recebido a vacina da BCG, muitas pessoas acabam por contrair a tuberculose. A VPM espera que o seu novo fármaco venha a conferir uma maior proteção. O empréstimo do BEI faz parte de uma operação maior que poderá vir a incluir 15 milhões de EUR de apoio para um medicamento contra o VIH, o vírus que causa a SIDA. Em África, a tuberculose é a doença mais comum entre as pessoas que contraíram o VIH. «Não podemos deixar de combater doenças como a tuberculose», declara Raffaele Cordiner, gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento responsável pelo financiamento concedido à VPM. «Esperamos estar, em breve, na fase de transição da COVID-19, mas a tuberculose existe há, pelo menos, 200 000 anos.»

**A tuberculose e a COVID-19 transmitem-se de forma semelhante de uma pessoa para outra através de pequenas gotículas libertadas no ar ao tossir e espirrar. Tal como o coronavírus, a tuberculose não só causa problemas pulmonares graves, se não for tratada, como também ataca o cérebro, os rins e a coluna vertebral.**

«As pessoas que consideram o coronavírus insidioso e inteligente deveriam ver como funciona a tuberculose», refere Sina Brückner, gestora de projeto que trabalha na nova vacina da VPM. «A tuberculose é uma doença extremamente inteligente, muito adaptada aos humanos», explica. «É muito difícil de combater e pode causar inúmeros problemas de saúde. As pessoas morrem à fome, emagrecem imenso, porque não conseguem comer. Comparado com o coronavírus, o combate à tuberculose é muito mais complicado. É um nível completamente diferente.»

### Mais financiamento para a vacina contra a tuberculose nos países em desenvolvimento

O financiamento é um dos principais obstáculos às novas vacinas contra a tuberculose. Este tipo de vacinas ajuda principalmente os países em desenvolvimento, pelo que não é um negócio muito rentável para as empresas farmacêuticas, contrariamente aos tratamentos do cancro, que têm um maior retorno financeiro.

O gestor de empréstimos do BEI, Raffaele Cordiner, diz que existe uma grande necessidade de acordos de financiamento da Comissão Europeia ou da União Europeia para ajudar empresas como a VPM. Através da atribuição de mandatos especiais, o banco da UE poderá dispor de mais instrumentos e financiamento para apoiar projetos de investigação de maior risco ou tecnologias não comprovadas. O empréstimo do BEI para a vacina da tuberculose é apoiado pelo Pacote de Financiamento de Elevado Impacto, que é suportado pelos Estados-Membros da UE e serve para financiar projetos de desenvolvimento nas regiões mais pobres de África. O empréstimo reveste a forma de um contrato de capital de risco que será reembolsado em função dos resultados dos ensaios e da comercialização do medicamento. Se o medicamento não resultar, o empréstimo pode ser anulado.

### Medicamento acessível e vacinação em massa

«É realmente importante financiarmos projetos como este», declara Anna Lynch, especialista em ciências da vida do Banco. «Existe um verdadeiro défice de financiamento para a investigação clínica na área das doenças infecciosas, sendo que, na maioria dos casos, os investimentos para combater agentes patogénicos altamente ameaçadores surgem de forma reativa. Esperamos que o financiamento futuro possa ser ativamente orientado pelo peso global da doença.»

A Vakzine Projekt Management é uma subsidiária do Serum Institute of India, o maior produtor de vacinas do mundo. A empresa foi fundada por Cyrus Poonawalla, que afirma ter como objetivos tornar o medicamento acessível aos países em desenvolvimento e vacinar o maior número de pessoas possível.

«O Serum Institute é, sem dúvida, uma organização incrível», diz Cristina Niculescu, também especialista em ciências da vida do Banco Europeu de Investimento. «As pessoas são realmente movidas por uma filosofia filantrópica de tornar as vacinas acessíveis.»

O novo medicamento da VPM destina-se principalmente aos países da África Subsariana onde existe um elevado número de casos de tuberculose. Os ensaios clínicos serão realizados no Uganda, no Gabão, no Quênia, na Tanzânia e no Lesoto.

O diretor-geral da VPM, Leander Grode, afirma que o futuro parece, finalmente, mais animador para a investigação de vacinas contra a tuberculose e outras doenças infecciosas, e isso deve-se, em parte, ao surgimento do coronavírus.

«A COVID mudou a história», declara. «As pessoas estão a perceber que não podemos continuar à espera que as doenças surjam para depois tentarmos tratar os doentes com medicamentos novos. O futuro do mundo passa por uma melhor vacinação.»

“ **O futuro do mundo passa por uma melhor vacinação.** ”

# UM QUEIJO DA GEÓRGIA COM SABOR SUÍÇO

## Agricultores da Geórgia recebem formação em parceria com uma escola agrícola suíça, graças a um empréstimo apoiado pela UE

**A**gricultura define em boa parte a identidade nacional da Geórgia. Metade do território do país é composto por terrenos agrícolas e quase 50 % da população ativa trabalha no setor, por conta própria, em pequenas explorações agrícolas. Mas a produtividade é baixa e os agricultores vivem, muitas vezes, à beira da pobreza. Para reforçar as competências no setor da agricultura, uma escola de formação profissional abrirá portas em Sarkineti, aldeia no alto da montanha, perto de Dmanisi, a 120 km da capital, Tiblissi. Trata-se da colaboração com uma escola agrícola suíça muito antiga. «As condições naturais em Dmanisi são semelhantes às que existem na Suíça», refere Tinatin Makharadze, diretora da escola. «A região é vulnerável, e este projeto permitirá dar-lhe uma nova vida e criar novas oportunidades de rendimento.»

A Swiss Agricultural School Caucasus (escola agrícola suíça do Cáucaso) irá ministrar cursos de longa e curta duração nas áreas da pecuária e da produção de laticínios, em colaboração com a escola suíça Plantahof. Esta iniciativa do setor privado, sem fins lucrativos, terá a sua própria queijaria e exploração leiteira, e será financiada através de um empréstimo do Bank of Georgia, a par de subvenções concedidas por parceiros suíços e georgianos, pela Agência Suíça de Desenvolvimento e Cooperação e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

### Reforçar a cooperação com um vizinho muito estimado da UE

O BEI assinou um empréstimo de 50 milhões de EUR com o Bank of Georgia destinado a pequenas e médias empresas (PME) e a empresas de média capitalização (*mid-caps*), que foi parcialmente desembolsado em 2020. Em dezembro, o Banco assinou um novo empréstimo de 25 milhões de EUR no âmbito das medidas de emergência adotadas pela Equipa Europa em resposta à COVID-19. O Bank of Georgia, por sua vez, empresta o dinheiro a entidades locais, incluindo a Swiss Agricultural School Caucasus. Este foi o primeiro empréstimo ao Bank of Georgia que o banco da UE disponibilizou parcialmente em moeda local, eliminando assim a exposição ao risco cambial do beneficiário final. «O empréstimo do Banco Europeu de Investimento tem um efeito imediato no mercado a curto e longo prazo», afirma Levan Kobiashvili, chefe da unidade de financiamento do Bank of Georgia. «Permitiu-nos transferir o benefício para as PME nossas clientes, que representam uma parte importante da nossa carteira.»

O financiamento atrativo do BEI em moeda local foi possível graças às subvenções concedidas pela Comissão Europeia ao abrigo da Iniciativa ZCLAA-Este (zona de comércio livre abrangente e aprofundado-Este). «Na Geórgia, as PME constituem um elemento crucial da economia», esclarece Andreas Berkhoff, o gestor de empréstimos do BEI responsável pela operação. «Demonstramos que a cooperação entre a Geórgia e a UE beneficia as PME. Para as apoiar, trabalhamos em estreita colaboração com a Delegação da UE e a Comissão Europeia no quadro da Parceria Oriental.» O apoio da UE às PME dos países da Parceria Oriental provém da iniciativa EU4Business. O Grupo Banco Europeu de Investimento é um parceiro-chave desta iniciativa.

# MIÚDOS DIGITAIS

## Ensino digital transforma as escolas sérvias para aumentar a resiliência económica do país e fazer face a pandemias futuras do tipo da COVID-19

**A** pandemia tem causado um enorme impacto na educação, já que o encerramento das escolas e universidades afeta mais de 90 % da população mundial de estudantes em 194 países. Os Governos tiveram de reagir rapidamente e criar condições para o ensino à distância. Muitos adotaram programas de aprendizagem *online*. Nos casos em que tal não foi possível, recorreram à televisão ou até mesmo à rádio.

Mas a crise pôs a descoberto o fosso digital que existe não só entre países como também no interior de cada país. Tornou evidente a necessidade global de proceder à transformação digital do setor do ensino. O Banco Europeu de Investimento é parte integrante dessa transformação.

**Com a ajuda do Banco, todas as escolas da Sérvia entrarão na era digital até 2021. A digitalização e a reforma do ensino são duas prioridades máximas do Governo da Sérvia. O Banco Europeu de Investimento concedeu um empréstimo de 65 milhões de EUR para modernizar a infraestrutura digital e os materiais de ensino digitais, bem como para a formação dos professores (com o apoio da UNICEF). Dada a importância do projeto, o Banco financia quase 60 % do custo total de 111 milhões de EUR. Um apoio adicional de 4 milhões de EUR financiará serviços de consultoria e assistência técnica em 2021.**

«A COVID-19 e as restrições sociais impostas pela pandemia causaram graves perturbações nos sistemas e processos educativos», explica Isabelle Stoffel, a gestora de empréstimos do BEI responsável pela operação. «Estas circunstâncias inéditas mostraram que uma infraestrutura digital melhor aumenta a eficiência das escolas em caso de emergências. Além de aumentar a resiliência a crises futuras, este investimento criará condições para a empregabilidade dos jovens, o reforço da competitividade e o crescimento da inovação no país.»

Quando a Sérvia entrou em confinamento, em março, o ensino passou das salas de aula para a televisão. O Ministério da Educação, da Ciência e do Desenvolvimento Tecnológico começou a transmitir conteúdos educativos para os alunos do ensino básico e secundário através dos canais de televisão pública da Sérvia. À semelhança de muitos outros países, a Sérvia teve de reagir rapidamente e adaptar-se ao «novo normal», produzindo conteúdos especializados para vários graus de ensino.

Contudo, a Sérvia já vinha a preparar os seus conteúdos de ensino digital há alguns anos. «Ainda antes deste projeto, o Governo tinha elaborado conteúdos de aprendizagem *online* para os primeiros quatro anos do ensino básico, que se revelaram extremamente úteis durante o confinamento», lembra Milan Dobrijević, chefe do Departamento da Agenda Digital do Ministério do Comércio, do Turismo e das Telecomunicações, que está envolvido no projeto desde o início.

Uma vez que o projeto contempla a melhoria da infraestrutura digital e dos materiais de ensino nas escolas, está a ser executado por dois ministérios sérvios, a saber, o das telecomunicações e o da educação. «Até ao final do próximo ano, mais de 1 800 grandes escolas terão uma cobertura total de Internet sem fios de alta velocidade, enquanto as restantes escolas, localizadas em zonas remotas, serão ligadas através de unidades de banda larga móvel», anuncia Milan Dobrijević.

# SOLUÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO

“ Este é um passo crucial no plano da Sérvia para se tornar uma economia digital. ”

## Do hardware ao software

«Para além da melhoria da infraestrutura digital, o projeto envolve a formação dos professores a nível nacional», refere Nihan Koseleci Blanchy, economista especializado em educação do Banco Europeu de Investimento. «Simultaneamente, o Ministério da Educação sérvio está a desenvolver materiais didáticos e manuais interativos para o ensino *online*.»

No total, cerca de 50 000 professores de todo o país terão a oportunidade de melhorar as suas competências digitais através desta formação. «Este é um passo crucial no plano da Sérvia para se tornar uma economia digital», afirma Nihan Koseleci Blanchy.

A Sérvia reconheceu o papel que a educação desempenha na digitalização. De acordo com o Eurostat, o nível de competências digitais individuais na Sérvia aumentou de 32 % em 2015 para 46 % em 2019. Em 2018, existiam 2 000 salas de aula com equipamento digital em toda a Sérvia. Um ano depois, esse número era superior a 10 000. E a partir deste ano letivo, os alunos passam a ter uma disciplina obrigatória de informática no primeiro ano e de programação no terceiro ano. «Todos estes programas ajudarão a reforçar a resiliência do sistema de educação da Sérvia o que, por sua vez, garantirá o desenvolvimento de competências que estimulem novas ideias e tecnologias», explica Nihan Koseleci Blanchy.

## A Croácia fez os trabalhos de casa

Na Croácia, os alunos também usufruíram dos benefícios de um bom planeamento digital. O país iniciou, há vários anos, um programa de digitalização das escolas com o objetivo de proporcionar uma educação de elevada qualidade que aproveite as vantagens das mais modernas ferramentas digitais de ensino e aprendizagem. O plano incluía novas ofertas de conteúdos *online*, *software*, formação para professores e funcionários das escolas, bem como a instalação de novos equipamentos.

Este programa nacional de digitalização arrancou com um projeto-piloto, entre 2015 e 2018, que abrangeu mais de 150 escolas, ou seja, 10 % dos estabelecimentos de ensino do país. A segunda fase, concluída em 2019, abarcou as restantes escolas. No seu conjunto, o programa ajudou os alunos de mais de 1 300 escolas a sentirem-se mais confortáveis com as novas formas de trabalhar e aprender *online*.

**A iniciativa foi preparada com o apoio da JASPERS (Assistência Conjunta de Apoio a Projetos nas Regiões Europeias) e é financiada pela Comissão Europeia e pelo BEI. A JASPERS ajuda as regiões e cidades a melhorarem a forma como utilizam os fundos da UE. A Croácia contou com a ajuda da JASPERS para preparar todo o programa,** nomeadamente com aconselhamento sobre como a integração das tecnologias da informação no sistema de ensino ajuda as crianças, promove a aprendizagem ao longo da vida e beneficia a economia e o desenvolvimento social do país.

Quando começaram os confinamentos em 2020, o programa de digitalização e as demais medidas educativas já em vigor facilitaram a transição para o ensino à distância na Croácia. Os alunos do ensino básico e secundário puderam prosseguir os seus estudos *online*, sem interrupção, quando as escolas encerraram em meados de março.

# ORIGEM DOS RECURSOS DO BEI

O Banco Europeu de Investimento, o maior mutuante e mutuário multilateral do mundo, captou 70 000 milhões de EUR nos mercados de capitais internacionais em 2020. As emissões do Banco atraem investidores que, normalmente, não investiriam na Europa, mas contribuem indiretamente para projetos europeus ao investirem nas obrigações do BEI.

O Banco emitiu obrigações em 19 moedas, tendo captado a maioria dos fundos nas principais divisas, nomeadamente o euro, o dólar norte-americano e a libra esterlina. A diversidade das fontes e dos prazos de vencimento confere flexibilidade à estratégia do Banco em matéria de captação de recursos. As emissões multidivisas permitem igualmente ao BEI proceder a desembolsos em algumas moedas locais.

## O BEI NOS MERCADOS

A pandemia exerceu uma grande pressão sobre o sistema de saúde pública e a economia, assim como sobre o funcionamento dos mercados financeiros e das instituições. Em março, quando o BEI lançou a primeira emissão supranacional de obrigações de referência após o surto da pandemia, a atividade do Banco apontou o rumo para o mercado. Quisemos mostrar flexibilidade na adaptação a circunstâncias difíceis e variáveis, centrando ao mesmo tempo as atenções na resposta rápida do BEI em áreas que necessitavam de apoio imediato, **afirma Eila Kreivi, diretora do Departamento de Mercados de Capitais do BEI.**

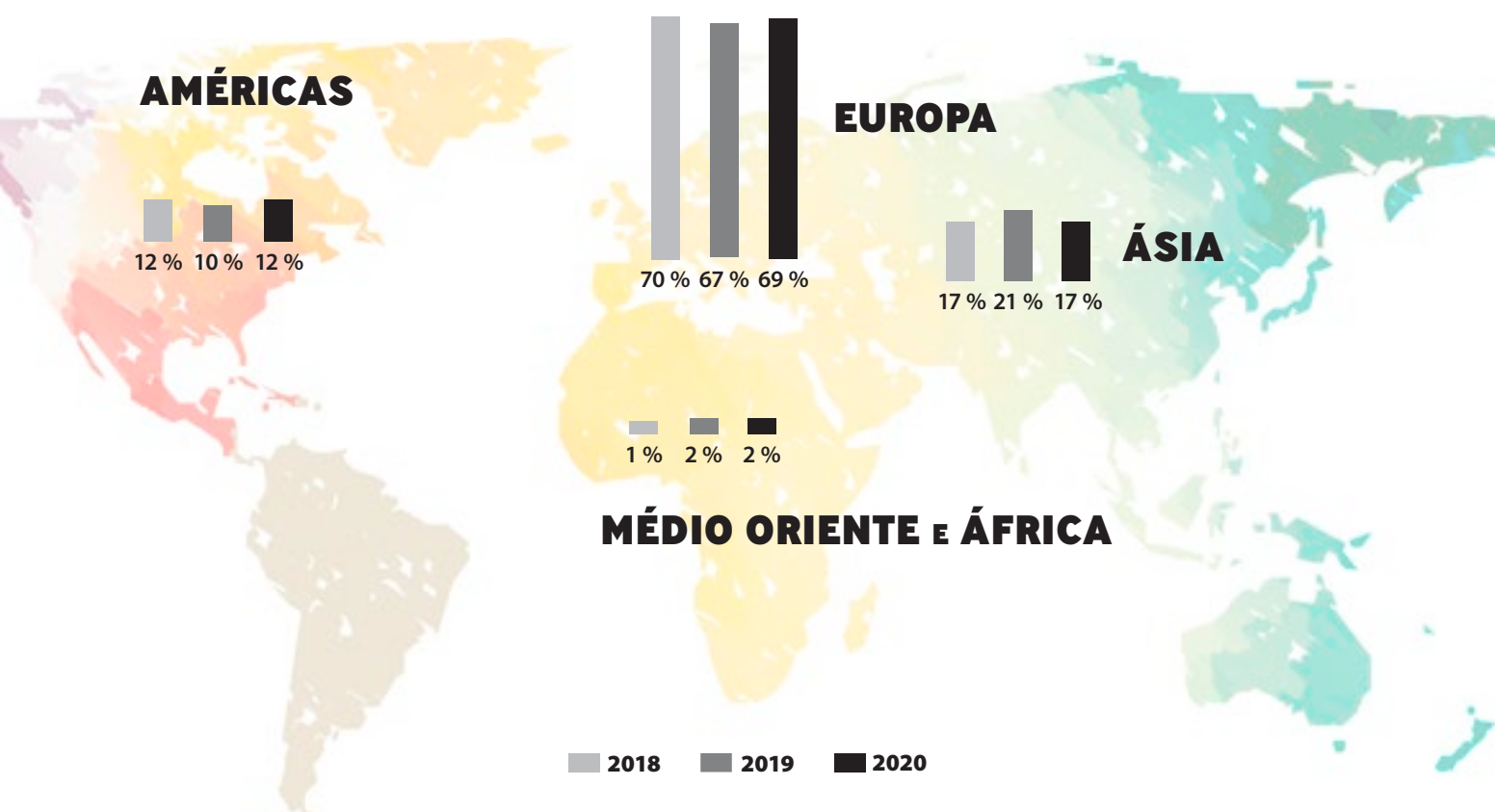
Durante mais de meio ano em que as operações foram realizadas por funcionários em regime de teletrabalho, o Banco, os principais gestores e os investidores que participaram nas nossas operações demonstraram um grande empenho na colaboração à distância, em condições de incerteza dos mercados.

A dimensão do programa de captação de fundos do BEI não sofreu nenhum impacto substancial resultante dos pacotes de resposta à pandemia, uma vez que recorremos principalmente a instrumentos com garantias associadas.

## EMISSIONES POR MOEDA

EUR

47,14 %



**Um aspeto positivo deste ano foi o aumento do financiamento destinado a objetivos sociais. Considerando o salto registado nos volumes de obrigações sociais, em particular, podemos na verdade afirmar que o lado social do financiamento deu um grande passo em frente. Já não fica muito aquém do financiamento ecológico.**

Também nesta área o BEI cumpriu a sua parte. Logo em abril, o BEI alargou a elegibilidade das suas obrigações de sensibilização para a sustentabilidade, chamando a atenção para as medidas de emergência no setor da saúde adotadas pelo Banco. Após o primeiro lançamento em 2018, com foco inicial em projetos no setor da água, o quadro das obrigações de sensibilização para a sustentabilidade foi alargado ao setor da saúde no final de 2019. Estas obrigações têm por base a experiência adquirida com as obrigações de responsabilidade ambiental, um quadro de obrigações verdes lançadas em 2007, numa emissão pioneira do BEI. A elegibilidade das obrigações de sensibilização para a sustentabilidade reflete o amplo leque de financiamentos concedidos pelo BEI para combater a pandemia e as suas consequências, no âmbito de uma resposta abrangente à emergência sanitária ou económica a nível nacional e internacional, a par de planos de preparação para situações futuras.

Foram integrados critérios técnicos de avaliação consentâneos com a Taxonomia de Sustentabilidade da UE. Até à data, tal revestiu-se da máxima relevância para a elegibilidade das nossas obrigações de responsabilidade ambiental, que foi alargada de acordo com a Taxonomia da UE e passou a abranger, para além da eficiência energética e das energias renováveis, mais duas áreas de mitigação das alterações climáticas, a saber, a investigação, o desenvolvimento e a aplicação de tecnologias inovadoras com baixas emissões de carbono, bem como as infraestruturas ferroviárias elétricas, o respetivo material circulante e os autocarros elétricos.

USD	GBP	OUTRAS
32,27 %	10,56 %	10,03 %

# DESTAQUES DO PLANO DE ATIVIDADES DO GRUPO

**E**xiste uma enorme incerteza em torno da pandemia global. A crise provocou ondas de choque na economia e alterou radicalmente as atividades do Grupo BEI. Não obstante, **o Grupo Banco Europeu de Investimento está empenhado em aumentar o seu apoio à recuperação.**

**O Banco aumentará o financiamento a favor do clima e do ambiente.** O novo Roteiro do Banco do Clima descreve a forma como o BEI irá alcançar as suas metas de 2021 até 2025. O combate às alterações climáticas é um dos desafios mais importantes do nosso tempo.

**O Banco continuará a promover a coesão entre os países da União Europeia.** Ainda existem muitas diferenças estruturais entre os Estados-Membros, que se tornaram particularmente evidentes durante a crise da COVID-19, com algumas regiões a serem atingidas mais duramente do que outras. O BEI está empenhado no Mecanismo para uma Transição Justa da Comissão Europeia. Ao apoiar as regiões que dependem fortemente dos combustíveis fósseis, garantiremos que ninguém ficará para trás quando a indústria mudar e alguns empregos desaparecerem.

**O Grupo BEI apoiará a transformação tecnológica das empresas, estimulando a inovação, aumentando a eficiência das empresas e melhorando os serviços.** O Banco ajudará as empresas a acelerar o seu processo de digitalização para aumentar a resiliência e a produtividade. Existe uma considerável falta de investimento em inovação e digitalização na Europa, o que constitui um entrave ao crescimento económico e à competitividade global da União Europeia.

**O BEI envidará todos os esforços para implementar mandatos da UE no novo Quadro Financeiro Plurianual e colaborará com os Estados-Membros e a Comissão Europeia no apoio ao plano de recuperação económica NextGenerationEU.** Este plano fomentará a recuperação pós-crise e providenciará uma base sólida para o crescimento sustentável a longo prazo, com base nas prioridades da ação climática, da tecnologia digital e da coesão estabelecidas pela União Europeia.

**O montante de financiamento no exterior da União Europeia não sofrerá alterações em relação aos anos anteriores.** O foco será colocado na crise da COVID-19, nas pequenas empresas e noutros investimentos para estimular a recuperação económica e combater as alterações climáticas. O Banco apoiará mais projetos capazes de ajudar os países em desenvolvimento a fazer face às crescentes necessidades de cuidados de saúde e de tornar as economias mais robustas para resistirem a novas crises.

**2021 assistirá a um aumento significativo das atividades do Fundo Europeu de Investimento, principalmente devido ao seu papel fundamental no âmbito do Fundo de Garantia Europeu e de outras respostas de combate à crise da COVID-19.** O FEI assumirá, em 2021, a responsabilidade pelos Fundos do BEI na área do Clima e das Infraestruturas.

**As atividades do novo Fundo de Garantia Europeu vão para além do financiamento apresentado no Plano de Atividades do Banco.** O novo fundo permitirá prestar assistência extraordinária a empresas de todas as dimensões, responder a necessidades na área da saúde e apoiar a investigação médica.

**A governação do Grupo será reforçada com um novo programa de risco e conformidade, sob a supervisão de Román Escolano, que foi nomeado Diretor de Riscos do Grupo em 2020.** O Comité de Fiscalização do Grupo BEI também foi reforçado. A governação do Grupo abrange as regras e os processos de gestão do Banco.

**O Grupo BEI aproveitará os ensinamentos retirados da crise para estudar novas formas de trabalhar e cumprir a sua missão.** Muitos funcionários estão em teletrabalho durante a pandemia.

Leia a versão integral do Plano de Atividades para 2021 em  
[www.eib.org/en/publications](http://www.eib.org/en/publications)

## GOVERNAÇÃO

---

O BEI é, simultaneamente, um organismo da União Europeia, responsável perante os Estados-Membros, e uma instituição de crédito que segue as melhores práticas bancárias em matéria de tomada de decisões, gestão e controlo.

No início de 2020, o **Conselho de Governadores** era composto pelos ministros dos Governos, geralmente os ministros das Finanças, de cada um dos então 28 Estados-Membros (com a saída do Reino Unido da União Europeia, em fevereiro de 2020, esse número baixou para 27). Os Governadores definem as linhas de orientação da política de crédito do Banco e aprovam anualmente as contas do exercício. Têm competência para decidir sobre os aumentos de capital e a participação do Banco no financiamento de operações no exterior da União Europeia. Compete-lhes também nomear o Conselho de Administração, o Comité Executivo e o Comité de Fiscalização. Os Governadores do BEI deliberaram por unanimidade, em 2019, que a saída do Reino Unido da União Europeia não teria qualquer impacto na sólida base de capital subscrito do BEI. O capital do BEI subscrito pela Polónia e pela Roménia aumentou em 1 de março de 2020, proporcionando ao BEI uma base de capital mais ampla do que a existente antes do Brexit.

O **Conselho de Administração** toma decisões sobre empréstimos, programas de emissões obrigacionistas e outros assuntos financeiros. Reúne-se dez vezes por ano para garantir a conformidade da gestão do Banco com as disposições do Tratado e dos Estatutos e com as diretivas gerais fixadas pelo Conselho de Governadores. Desde 1 de fevereiro de 2020, é composto por 28 administradores titulares, designados respetivamente por cada um dos Estados-Membros e pela Comissão Europeia. Conta ainda com 31 administradores suplentes. A fim de alargar a competência profissional disponível no Conselho de Administração, este pode cooptar seis peritos para participarem nas reuniões do Conselho como assessores, sem direito de voto. Salvo disposição em contrário dos Estatutos, as decisões são tomadas por maioria de um terço, pelo menos, dos membros do Conselho com direito de voto e que representem pelo menos 50 % do capital subscrito pelos Estados-Membros. O Conselho de Administração é presidido pelo Presidente do Banco, sem direito de voto.

O **Comité Executivo** é o órgão de decisão permanente do Banco. Assegura a gestão dos assuntos correntes do Banco e prepara as decisões do Conselho de Administração, garantindo subsequentemente a respetiva execução. Reúne-se uma vez por semana. O Comité Executivo atua sob a autoridade do Presidente e sob a supervisão do Conselho de Administração. Os restantes oito membros são os Vice-Presidentes do BEI. Os membros, designados por um período renovável de seis anos, são responsáveis unicamente perante o Banco.

O Banco dispõe de um **Comité de Fiscalização** independente, diretamente responsável perante o Conselho de Governadores. Compete-lhe auditar as contas do Banco e certificar-se de que as atividades do BEI são consentâneas com as melhores práticas bancárias. O relatório do Comité de Fiscalização é enviado ao Conselho de Governadores juntamente com o relatório anual do Conselho de Administração. O Comité de Fiscalização é composto por seis membros, nomeados por um mandato não renovável de seis exercícios financeiros consecutivos.

# E AGORA?

## AS EXPECTATIVAS DOS ESPECIALISTAS DO BEI PARA OS SEUS SETORES OU MERCADOS EM 2021

O investimento sustentável é o único investimento produtivo na nossa economia. O BEI respondeu à pandemia não só com recursos financeiros, mas também com o firme compromisso de os utilizar de forma sustentável. Tendo por base o pilar da responsabilidade, o Banco pretende avaliar o seu financiamento «verde» de acordo com o Regulamento Taxonomia da UE, o regime que a União Europeia estabeleceu em 2020 para a promoção do investimento sustentável. Refletimos este processo contínuo nos mercados de capitais através da emissão de obrigações de responsabilidade ambiental e de sensibilização para a sustentabilidade, cujas receitas são exclusivamente afetadas a investimentos com significado ecológico ou social. Em 2020, o volume de emissões destas obrigações cresceu para mais de 10 000 milhões de EUR, ou seja, 15 % do programa de captação global do Banco, face a 7 % em 2019. A elegibilidade deverá ser alargada, passando a incluir a biodiversidade e a habitação social e a preços acessíveis em 2021.

**Aldo Romani, chefe da Unidade de Financiamento da Sustentabilidade, Direção de Finanças**

Os serviços de água e saneamento, pedra angular de uma sociedade saudável, resistiram à pandemia. O Banco conseguiu ajudar os clientes que enfrentavam dificuldades temporárias devido aos confinamentos e à interrupção do comércio, tendo a atividade neste setor até registado um ligeiro crescimento em 2020. Esta perseverança demonstra claramente a visão de futuro do setor. Esperamos continuar a desempenhar um papel importante enquanto parceiro do setor durante os próximos anos.

**Thomas van Gilst, chefe da Divisão de Segurança e Resiliência dos Recursos Hídricos, Direção de Projetos**

Demos início a uma revisão das Normas Ambientais e Sociais do BEI, que deverá ficar concluída em 2021. Ao invés de uma abordagem de conformidade e de não causar danos, passamos a contribuir de forma positiva para a sustentabilidade ambiental. Em termos de biodiversidade, procuramos agora que os nossos projetos tenham um impacto líquido positivo. Ao inverter a perda de biodiversidade nos projetos financiados pelo Banco, esperamos contribuir para a prevenção da propagação futura de agentes patogénicos como a COVID-19. E para garantir que esta ambição nos possa ser imputada, desenvolvemos um sistema para acompanhar todos os investimentos ambientais nas atividades de financiamento do Banco, que fornecerá informações e orientações para o desenvolvimento de um sistema de monitorização do financiamento ambiental no âmbito da Plataforma para o Financiamento Sustentável da UE, em 2021, e contribuirá assim para a definição do conceito de investimentos «verdes» em toda a União Europeia.

**Adina Relicovschi, chefe da Unidade de Política Ambiental, Direção de Projetos**

Fora da Europa, vemos na transição energética uma dinâmica para novas operações de combinação de recursos com parceiros importantes, nomeadamente a Comissão Europeia, a comunidade de financiamento do desenvolvimento e os financiadores privados, para levar eletricidade e aquecimento não poluente às populações. Até que possamos produzir impacto, teremos um caminho árduo a percorrer, que exigirá um forte compromisso e cooperação por parte de todos os serviços do Banco.

**Dirk Roos, chefe da Divisão de Programas de Transição Energética, Direção de Projetos**

Todo este conceito de prestar às pequenas empresas o apoio de que necessitam em termos técnicos e de inovação, especialmente através de plataformas de inovação digital, dá muito mais ênfase à tecnologia digital e à digitalização. Cumpre-nos ajudar ainda mais os empreendedores e as pequenas empresas a desenvolverem as suas ideias, a expandirem os seus negócios e a colocarem novos produtos no mercado. Antevendo muitas mudanças ao nível das indústrias, nomeadamente das bioembalagens, dos produtos biodegradáveis, do vestuário reciclado e da economia circular. Muitas destas mudanças serão induzidas pelos próprios consumidores, acabando por tornar os produtos mais sustentáveis, com menor produção de resíduos. Também será dada maior atenção ao hidrogénio enquanto elemento importante do nosso novo sistema de energia e para descarbonizar as nossas indústrias pesadas. A pandemia ajudou-nos a tomar consciência da importância que a inovação e as soluções digitais baseadas em tecnologias de cadeia de blocos e de megadados, bem como em tecnologias espaciais e até quânticas terão para as empresas e a sociedade em geral no combate às crises sanitárias e climáticas. E oferece ao BEI uma oportunidade histórica para ajudar a mobilizar investimentos nestas áreas críticas.

**Shiva Dustdar, chefe da Divisão de Aconselhamento Financeiro em Inovação, Direção de Operações**

Assim que mergulhámos na crise da COVID-19, os Serviços de Aconselhamento do BEI mobilizaram rapidamente apoios para ajudar os clientes a orientar-se e a adaptar-se às circunstâncias excecionais. Este apoio passou pelo aconselhamento sobre a melhor forma de utilizar e combinar os recursos da UE disponíveis para fazer face ao impacto da crise, e estendeu-se à redefinição das prioridades de investimento ou mesmo à contribuição para a carteira de vacinas candidatas. Olhando para o futuro, o apoio consultivo também será fundamental para acelerar os investimentos orientados para o futuro com vista à transição ecológica e digital na União Europeia e no resto do mundo. Sendo embora essencial garantir a qualidade dos projetos de investimento, cabe também aos Serviços de Aconselhamento do BEI um papel reforçado na compreensão das tendências estratégicas e dos pontos de convergência entre as mesmas, detetando as lacunas e oportunidades que possam surgir e desenvolvendo soluções concretas para os desafios futuros.

**Simon Barnes, diretor, Serviços de Aconselhamento, Direção de Operações**

O BEI prestou assistência imediata aos seus clientes na Europa Central e do Sudeste, tendo acelerado os desembolsos e disponibilizado um mecanismo específico para a COVID-19 com uma dotação de 1 000 milhões de EUR para toda a região. Embora tenha conseguido gerir relativamente bem a primeira vaga de COVID-19, a região foi fortemente atingida pela segunda vaga no outono de 2020, e prevemos ainda manter a nossa atividade de financiamento nesta área durante uma boa parte de 2021.

**Anita Fuerstenberg, diretora, Europa Central e Europa de Sudeste, Direção de Operações**

**LEIA MAIS SOBRE O FINANCIAMENTO DO GRUPO BEI EM  
RESPOSTA À CRISE DA COVID-19 EM:**

[www.eib.org/covid-19](http://www.eib.org/covid-19)



# SOLUÇÕES PARA A CRISE

RELATÓRIO DE ATIVIDADES 2020



O Grupo BEI é constituído pelo Banco Europeu de Investimento e pelo Fundo Europeu de Investimento.

print: ISBN 978-92-861-4894-1  
pdf: ISBN 978-92-861-4859-0

PT 03/2021